CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 27 DE JUNHO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:703

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Reunião publica.—Que legalistas!—Representação e representante.—Lisonja e calumnia.—A verdade historica.—Notas historicas.—Protesto.—A proposito do comicio.—Noticiario.—Frederico III.—Sessões parlamentares.—Secção litteraria: A irmã da caridade, *por D. Severo Catalina*; A mãe de leite, *por Gomes Palma*.—Parte official.—Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

REUNIÃO PUBLICA

Houve ahi um comicio no domingo, promovido pelos republicanos, que andaram a offerecer a presidencia d'elle a differentes individuos, que recusaram a missão por a reputarem ingrata e ingloria, acceitando-a depois de muito rogado o sr. dr. João Rocha, que dirigiu os trabalhos da assembleia.

A concorrencia foi pouco numerosa. Estimaram-na uns em 200 e outros em 400 individuos de ambos os sexos e de todas as edades, e isto com os curiosos e indifferentes, não obstante o açodamento dos amantes, das tricas de que se serviram, e da apologia que antecipadamente faziam do merito dos prégadores da festa e dos seus sermões requentados.

Seja como fôr, reuniram, fallaram e representaram os republicanos, fez-se rethorica, botou-se eloquencia, por signal que quasi sempre contraria á verdade historica. pondo-se em relevo a intransigencia dos que negam aos outros a liberdade que lhes toleravam a elles, os proscriptores da religião do Christo, que chamaram abutres aos adversarios, encontrando até corvos no Mississipi, e citando, atribuindo-a aos corvos, a caça do cysne, que n'aquelle rio é feita por as aguias! Os Dulcamaras da demagogia até déram aos guardas fieis dos ossos de S. Vicente a propriedade de... caçadores de cysnes!... Curiosas e inoffensivas invenções d'estes engranzadores de tropos canhestros para consumo de auditorios que até aplaudem as frandulagens de um comico inimitavel.

D'esta vez ficou em repouso o famoso artigo 6.º da Carta. O sr. Arriaga parece ter abandonado a idêa de fazer propaganda a favor da liberdade de cultos, que traria como consequencia necessaria o restabelecimento das ordens religiosas em Portugal. E como em Aveiro a doctrina levantaria o reparo dos festeiros, s. ex.ª engoliu as suas antigas protestações de fé, mas proclamou muito contra a religião e contra os padres, embora declarasse, «que a verdadeira liberdade garante a caridade christã e mesmo ao catholicismo o seu livre exercicio.» E porque lh'o garante, é que o orador lh'o não consente, e veio fallar contra prerogativas que ninguem a sério póde contestar.

Finalmente os liberaes monarchicos não se apavoram com a propaganda republicana, e os republicanos teem medo do serviço prestado nos estabelecimentos de caridade pelas irmãs hospitaleiras! Mas porque não formam elles as associações de caridade como as propoz em 1862 José Estevam? Sabem a razão? E' porque não querem ser uteis á humanidade, e tratam só questões de capricho. Nem esperem vel-os em outro campo. Nada fizeram ainda em beneficio d'esta terra, e já agora não esperem d'elles obra alguma meritoria.

Finalmente o comicio realisou-se, passando desapercebido para a maior parte da gente d'Aveiro, por se saber d'antemão que era obra do acinte de um bando de desvairados, que imaginam consulsionar o mundo á força de injurias e calumnias. E como ninguem désse importancia ao facto, tudo correu o melhor possivel e como convinha a uma terra civilisada.

QUE LEGALISTAS!

A representação do comicio trouxe-a no bolso o sr. Albano Coutinho, que recitou em voz sumida o sermão que lhe encommendaram, fazendo citações caprichosas, como por exemplo o do artigo 2.º da lei de 1862, que não era applicavel ao caso, visto que se tratava então exclusivamente da liberdade de ensino, artigo que está assim redigido:

«Nenhum estabelecimento publico ou particular de instrucção ou *beneficencia poderá admittir ao exercicio do ensino e educação* quaesquer individuos nacionaes ou estrangeiros, pertencentes ás communidades, corporações ou congregações religiosas, de que trata o artigo 1.º sem que para isso seja auctorisado por uma lei.»

Ora o orador e a assembleia deviam saber que a disposição citada nada tem com o caso do hospital. Este é um estabelecimento de caridade, e a prohibição é só para os estabelecimentos de instrucção ou beneficencia. Deviam mais saber, que a questão ventilada em 1862 era sobre a admissão aos azylos, como directoras e professoras, das irmãs de caridade. Para estas casas de beneficencia legislou-se então. Para os hospitaes não, e tanto que ha irmãs hospitaleiras nos hospitaes civis da Regoa, Lamego, Penafiel, Barcellos, Villa Nova de Famalicão, Guimarães, Braga, Monsão, Setubal, Faro, Lagos e Tavira. Ora se as leis tivessem prohibido a sua entrada nas casas hospitalares, de certo já teriam sido d'ali expulsas.

Por aqui se vê a força dos que argumentam com a legislação que desconhecem a proposito do que se passa com a misericordia d'Aveiro.

Mas ha mais: Os decretos dictatoriaes de 1834 sobre a extincção dos conventos, referem-se apenas ás ordens religiosas do sexo masculino; e tanto que apenas se prohibiu a profissão nos mosteiros pertencentes ao sexo feminino, alguns dos quaes ainda existem, acabando ha pouco tempo os de Jesus, Carmelitas e Sá.

Por tanto aquellas providencias excepcionaes do imperador nada tem para a questão das irmãs hospitaleiras. Não se trata de conventos extinctos em 1834. Tambem não se trata de admissão a estabelecimento publico ou particular de beneficencia (que são os azylos de infancia desvalida), para o exercicio do ensino ou educação, de individuos nacionaes ou estrangeiros pertencentes a communidades, corporações ou congregações religiosas, conforme o disposto na legislação de 1862.

Logo não foi attentatorio de nenhuma lei ou principio de ordem moral, o que ahi se fez ao serem chamadas as irmãs hospitaleiras para o serviço do hospital civil d'Aveiro. Assim posta, cessa a questão de legalidade armada pelos intransigentes, provando o bom direito que teve a meza administrativa da santa casa para proceder exclusivamente de conformidade com os interesses do mesmo estabelecimento.

E nunca as mãos lhe doam por andar tão correctamente.

REPRESENTAÇÃO E REPRESENTANTE

O sr. Dias Ferreira apresentou já no parlamento a representação chamada do comicio d'Aveiro, condimentando-a com algumas considerações. Parece que o illustre deputado pretendeu insinuar, que havia incompatibilidade entre as irmãs hospitaleiras em serviço no nosso hospital civil e a estatua que por subscripção publica vae levantar-se em Aveiro As razões d'essa incompatibilidade não as expoz s. ex.ª, e todavia nós desejariamos ouvir-lhas, para ver se actuariam no nosso espirito; mas como as calou, ficamos na mesma, protestando contra semelhante interpretação, que reputamos erronea, e consequentemente mal cabida.

Mas se houve dissolução de meza e outra foi nomeada, precedendo auctorisação do governo, conforme o disposto no artigo 220; se esta corporação tem procedido sempre legalmente, nem ninguem a increpa por actos irregulares na administração da casa, antes gregos e troianos são acordes em declarar que por esse lado tem procedido correctamente, que rasões d'ordem são essas, que hão de apressar o desfecho, encurtando um praso, que se acha marcado no alvará da nomeação, e isto, repetimos, conforme o disposto no Cod. Adm.?

O sr. Dias Ferreira invocou—as reclamações dos povos d'Aveiro, quando por decencia devia só referir-se a um pequeno grupo de individuos, que por acinte se teem occupado da questão. Pois fez mal s. ex.ª. Os povos de Aveiro lhe provarão dentro de breve trecho, que não são conviventes na intolerancia com que ahi protendem *impor-se os que estão fóra da lei, e que* deviam por isso merecer menos solicitude ao illustre deputado.

LISONJA E CALUMNIA

Aduladores imbecis de magistrados que os desprezam, e raivosos calumniadores d'um advogado que os não vê, trazem para o papel, que sujam duas vezes por semana com tinta de imprensa, os debates judiciaes que não entendem, com commentarios lôrpas que fazem rir.

Parvos de natureza e ruins de condição, cospem nódoas de lisonja na toga respeitavel de funccionarios distinctissimos, para babarem impunemente injurias na beca impolluta d'um jurisconsulto honrado.

Mirrados de inveja, e trémulos de susto, rojam-se, servis e nojentos, aos pés da justiça que os amedronta, para morderem os calcanhares do accusador que os flagela.

Pois por honra e dignidade da magistratura portugueza, em nome da honra e da dignidade da magistratura judicial d'esta comarca, repellimos essas insultuosas lisonjas, que só deprimem e affrontam os nobres caracteres a que se dirigem.

E pódem ladrar ás botas do advogado, que elle nem sequer lhes ligará a importancia de os enxotar a ponta-pés.

Nem o meritissimo juiz de direito da comarca, funccionario illustrado e integro, circumspecto e honrado, cavalheiroso e digno; nem o integerrimo delegado do procurador régio, intelligente e probo, sabedor e recto, affavel e grave, mereciam ser assim insultados com elogios da canalha.

Elles sabem, como ninguem, cumprir o seu dever, e o primeiro é desprezar as adulações velhacas e as bajulações servis d'esses officiosos defensores da dignidade alheia, que ninguem lhes confiou.

Elles devem ter, inquestionavelmente, a consciencia do seu merito e da sua posição, e ella lhes dirá o que são e o que valem esses intriguistas pulhas, que, suppondo irritar vaidades que não ha, criar emulações que nunca houve, ou atear indisposições que não póde haver, deturpam os factos e envenenam as intenções.

Todos os que tem assistido aos debates judiciaes d'esta comarca bem sabem que por muito apaixonada que esteja a discussão, por muito vehementes que sejam as palavras, por muito energicas que se profiram as affirmações, nunca deixaram de se trocar, entre o sr. dr. Alexandre Cortezão, como presidente do tribunal, o sr. dr. Alberto Leitão, como agente do ministerio publico, e o sr. dr. Barbosa de Magalhães, como advogado de defeza, as explicações mais respeitosas e cordeaes, que bem traduzem a reciproca consideração pessoal e a mutua deferencia publica e particular que se tributam. Zela cada um os seus direitos, e cumpre cada um os seus deveres, como entende em sua razão e consciencia, sem que as inevitaveis divergencias de opinião e os fataes encontros de vontade se tenham convertido nunca em conflictos pessoaes; mais ainda, sem que nunca tenha sido precisa, para os resolver, a intervenção dos tribunaes superiores.

E querem então os parvajolas gazeteiros, caricaturas de raposa, tomando a parra pela uva, metter o focinho na vida intima do tribunal, onde só costumam sentar-se como réus.

Se fossem ha dias ao tribunal de Alemquer, veriam como se trocavam os mais sangrentos insultos pessoaes entre o sr. conselheiro e ministro de estado honorario Thomaz Ribeiro, como advogado de defeza, e o delegado do procurador regio da comarca, como accusador.

Se fossem ha tempos assistir a um julgamento celebre no Porto, veriam scenas, quasi de pugilato, entre um dos mais distinctos agentes do ministerio publico, e um dos mais abalisados advogados do paiz.

Aqui mesmo, no tribunal d'esta comarca, quantas vezes tem havido ruptura de relações pessoaes entre magistrados e advogados por vivas polemicas judiciarias?

Pois descancem os enrodilhadores e trapalhões encartados, que não conseguirão nunca o que desejam entre os magistrados que com lisonjas abjectas insultam, e o advogado que com calumnias exaltam.

A VERDADE HISTORICA

Lê-se no *Progresso Catholico* de 15 e 30 de novembro de 1887:

«Em fins de 1869 sairam do convento da Madre de Deus, d'Aveiro, algumas recolhidas, que tiveram o proposito de irem professar em Calet (França), n'um instituto de irmãs de caridade da ordem franciscana.

«Para isso dirigiram-se para Lisboa d'onde seguiram para França.

«Levantou-se com isso grande celeuma no paiz e fez-se d'isso *grande cavallo de batalha* contra a *reacção, beaterio, hypocrisia* e outras coisas feias.

«Com essas recolhidas tambem foi uma sobrinha de José Estevam Coelho de Magalhães, por nome Augusta, filha natural de Antonio Augusto Coelho de Magalhães; mas nunca o pae a reconheceu judicialmente. Estivera em creança n'aquelle convento, d'onde saiu para casa da mãe.

«Passados annos, é quando aquella sr.ª estava quasi mulher, o pae, que estava empregado em Lisboa, foi buscal-a a Aveiro, para onde foi obrigada a voltar de novo em 1862, recolhendo-se no mesmo convento de Sá, do qual saiu, como dissemos, em 1869.

«Foram puramente de familia os motivos porque, em 1862, voltou áquelle convento a referida sr.ª.

«Do que fica exposto fica-se sabendo:

1.º—Que não foram duas, mas sim foi uma unica parente do celebre José Estevam;

2.º—Que a mesma sobrinha do celebre José Estevam não abandonou os paes, mas saiu d'um convento para entrar n'outro;

3.º—Que se transferiu do convento de Sá para o de Calet com auctorisação da prelada d'aquelle convento;

4.º—Que já era de maior edade, quando poz em execução essa transferencia, por isso estava no direito de ir para onde lhe aprouvesse;

5.º—Que o pae nunca a reconheceu judicialmente e que só desde certa epoca a teve em sua companhia;

6.º—Que a sr.ª D. Augusta Coelho de Magalhães não desamparou o pae, visto que elle a tinha mandado para o convento de Sá em 1862, aonde entrou voluntaria ou violentadamente, e aonde foi acompanhada por a madrasta;

7.º—Que Antonio Augusto Coelho de Magalhães não ficou desamparado, pois tinha sua estimavel espoza, que muito bem o tratava nas suas enfermidades;

8.º—Que o mesmo individuo ainda tinha na sua companhia uma filha legitima, D. Maria Dorotheia;

9.º—Finalmente, que o mesmo Antonio Augusto tinha uma irmã, que vive ainda em Aveiro, a qual, se fosse mister, trataria de seu irmão, pois é muito virtuosa e com muito carinho tratára seu pae.

«Agora accrescentaremos áquellas deducções o seguinte:

«Parece-nos que seria mais digno de reparo o facto de terem o pae e a madrasta d'aquella sr.ª evitado qualquer dos casamentos, que ella pretendia fazer, do que o facto d'ella sair d'um convento para entrar n'outro.

«Tambem nos parece, que, se elle se désse, como se deu com outras pessoas, que não fosse com uma sobrinha do celebre José Estevam, e fosse n'outros tempos, não se tornaria isso tão digno de espanto.

«Além d'isso, as circumstancias de Antonio Augusto Coelho de Magalhães eram pouco boas. Por sua morte nada poderia deixar, como não deixou, que podesse assegurar o futuro da familia. E a filha, logo que lhe pareceu propria a occasião, tratou de arranjar, aondo podesse ter meios seguros para poder viver, ainda que parcamente e sujeita á obediencia, que impõe as regras dos institutos religiosos.»

Vê-se d'este resumo que é de todo o ponto inexacta a versão que ahi se fez espalhar, a proposito da saida do convento de Sá e da ida para França da sobrinha do grande tribuno, o qual se fez com previa auctorisação de seu pae, como consta de uma carta que lhe dirigiu sua madrasta, indo acompanhal-a por essa occasião á estação de Aveiro o velho liberal Manuel José Mendes Leite, amigo particular da familia, o que decerto não faria se Antonio Augusto Coelho de Magalhães não tivesse auctorisado sua filha a seguir aquelle destino.

Estão ainda vivos em Aveiro cavalheiros que sabem bem a historia para a narrarem quando sejam postas em duvida as nossas affirmações.

E' bom que tudo isto se diga e repita agora, que parece a epoca azada para se fazer politica de tudo, chegando até a insensatez a expor no soalheiro as dôres de uma familia respeitavel, com cujas intimidades nada tem o publico indifferente e a que a imprensa devia ser completamente estranha.

NOTAS HISTORICAS

E' do *Jornal da Noite*, orgam da politica regeneradora, o extracto que segue, e que a mesma folha da capital precede de algumas linhas, em que emitte opinião favoravel aos actos praticados pela meza da santa casa da misericordia d'esta cidade.

E' a sumula do que por vezes temos dito ácerca da administração d'aquelle estabelecimento de caridade, que um punhado de desvairados pretende sacrificar ás suas paixões, como se o mundo se podesse governar ao sabor d'ellas e d'elles, que são os Iscariotas d'aquella instituição.

Eis o que se lê no *Jornal da Noite:*

1.º—a meza tomou posse em 9 de julho, conservando todo o pessoal interno do hospital e da secretaria;

2.º—que no fim do primeiro mez da sua gerencia conheceu que havia grandes desperdicios e abusos da parte do enfermeiro;

3.º—que começou a cortar nas despezas, tomando providencias que julgou conformes aos interesses da casa;

4.º—que ao terceiro mez o enfermeiro, vendo que lhe era difficil continuar a defraudar a casa, sollicitou a sua exoneração, que lhe foi concedida;

5.º—que a substituição se fizera por gente da terra, falha de habilitações, não dando por isso resultados apreciaveis;

6.º—que depois veio do Porto um enfermeiro, muito novo, que nada se importava com o arranjo e com a disciplina d'aquella casa hospitalar, não havendo diminuição na despeza, nem acceio nas enfermarias, nem conforto para os doentes;

7.º—que a meza, depois de tres experiencias infructiferas, deliberou substituir o pessoal por as irmãs hospitaleiras;

8.º—que no dia 16 de março deram ellas entrada no hospital da misericordia;

9.º—que logo na sua entrancia se avaliou o que havia a esperar do seu trabalho e dedicação, mudando o aspecto das enfermarias e o tratamento dos doentes;

10.º—que devido á sua efficaz cooperação melhoraram consideravelmente as condições hygienicas da casa, bem como diminuiu consideravelmente a despeza feita com o hospital;

11.º—que n'um anno a meza tem feito economias aproximadamente de 500$000 rs., e isto quando a receita não excede a reis 4.500$000;

12.º—que movidos só pela intolerancia os republicanos, que são poucos, reunindo a si as paixões ruins, que crepitam mais desaffrontadamente nos pequenos centros, começaram a *hostilisar* as irmãs hospitaleiras, declarando que a sua presença em Aveiro era uma affronta á memoria de José Estevão, representando contra ellas á meza e ás côrtes, assignando centenas de menores as representações, e figurando n'ellas outros individuos que não sabem lêr nem escrever;

13.º—que no proximo domingo haverá um *meeting* á porta fechada, indo n'elle prégar o sr. dr. Manuel Arriaga, e outros que já em Lisboa propozeram a abolição do art. 6.º da Carta e a proscripção do nome de Deus!

14.º—finalmente, que estas manifestações não teem razão de ser, porque as irmãs hospitaleiras que estão no hospital civil d'Aveiro em nada cooperam para a reacção religiosa, antes cumprem regularmente as suas obrigações n'aquelle estabelecimento de caridade, prestando excellentes serviços ao bom regimen d'elle, notando-se o acceio das enfermarias, um grande disvelo no tratamento dos doentes, cujo numero sobe a 40 por dia, accrescendo a moralidade do seu comportamento, que é exemplar.»

O que acima fica exposto é a resposta que damos ao *Conimbricense*, que presume que em Aveiro se levantou a reacção religiosa, quando o que ahi se manisfesta é a intransigencia ferina, de quem não consente aos outros as liberdades que lhe toleram, embora isso revele o que ha a esperar de gente, que fóra da legalidade, procura atropelar as regras fixas do regimen monarchico-representativo para affrontar as crenças populares, calcando as leis e calumniando o proximo.

N'esta boa terra, que deu á liberdade muitos dos seus filhos, que cahiram mortos nos campos da batalha, ou que foram supliciados nas forcas do absolutismo, tão intransigente n'aquellas eras calamitosas, como a demagogia de hoje, que açula os seus pobengos contra os verdadeiros liberaes que resistem ás suas objurgações facciosas; n'esta boa terra portugueza dos Queirozes, dos Barretos Ferraz, de José Estevam, de Mendes Leite e d'outros assignalados varões da grande epopeia constitucional, não ha reaccionarios, nem elles aqui se dariam bem com a atmosphera que se respira.

Ora a questão da misericordia é muito outra. A meza quer fazer administração, cortando por abusos, acabando com as chuchadeiras que levavam centenas de mil réis, pondo no são as cousas do hospital, que não deve ser tratado como roupa de francezes. Ora bolir nos interesses criados levanta sempre queixumes, porque ha quem se confesse prejudicado, e d'ahi a guerra ás irmãs hospitaleiros, que achando-se ha mais de tres mezes em Aveiro, nem sequer tiveram ainda a visital-as... um padre lazarista!... Vejam que desacato, devendo mais notar-se, que se os intransigentes não as querem lá, invocando frivolos pretextos para occultarem a rasão principal das suas hostilidades, a parte seria da cidade, as pessoas sensatas, independentemente de politica, desejam a sua conservação, por entenderem que a sua presença ali é tão inoffensiva á liberdade, como é util o seu tratamento á pobreza recolhida n'aquella casa hospitalar.

Reaccionarios em Aveiro! tem graça e não offende. O peor é que os homens e as cousas protestam abertamente contra o epitheto, que nós riscamos, varrendo assim a nossa testada e a dos nossos conterraneos.

PROTESTO

Inserimos n'este logar o que nos foi enviado ácerca de uma publicação que se distingue apenas pelo desbragamento da phrase, e pelo despejo da calumnia.

Bom foi que o sr. Arvins declinasse responsabilidades que nenhuma pessoa honesta póde assumir sem se emporcalhar. E' bom que se saiba que a licença não adquiriu entre nós carta de corso para saltear o que ha ainda bom e puro e respeitavel n'este paiz.

Sr. redactor.—Peço a v. a inserção no seu acreditado jornal das seguintes linhas:

Constando-me que alguns cavalheiros me attribuem o supplemento ao n.º 8 do *Aguedense*, em que se expõem ideias que nunca foram minhas, e se combatem principios que jámais deixei de abraçar; e porque não desejo para mim a *gloria* de ser tido como auctor d'uma obra que não é minha; declaro que não só considero erroneas as ideias n'elle exaradas, como tambem me julgo intimamente offendido nas minhas crenças com a attribuição que me é feita.

Mais declaro que, sendo o dito jornal fundado por mim e por um amigo meu, com o fim unico de n'elle serem publicadas as producções da nossa escassa imaginação, bem como as dos nossos condiscipulos, ao vêr levantar-se a questão de que ora se occupa uma boa parte do Portugal jornalista, me despedi da redacção, por motivos dos quaes o principal é o serem as *novas idêas* inteiramente adversas aos principios e crenças de meus velhos paes, crenças que do coração abraço, pois que ellas constituem toda a felicidade, toda a poesia do meu lar.

Assim, pois, sr. redactor, não desejando para mim a critica favoravel ou contraria ao artigo que me attribuiram erradamente, desejo que v. faça publicar o presente para meu completo socego, pelo que devéras lhe fica grato o

De v. etc.

Collegio Aveirense, 25 de junho de 1888.

Joaquim Rodrigues d'Arvins.

A PROPOSITO DO COMICIO

E' do sr. prégador da festividade de S. João a seguinte carta:

Sr. redactor.—Peço-lhe o especial obsequio de me fazer publicar as seguintes linhas que julgo de conveniencia para esclarecimento do publico:

Lê-se no numero ultimo do *Districto*, que o prégador da tarde na festa de S. João tivera a «apoucada lembrança» de se referir ao comicio em termos pouco delicados. E pergunta em seguida o auctor da local: Os festeiros convidariam o prégador para fallar do comicio, ou de S. João? (!)

Esta é das taes de cabo de esquadra.

O' homem! os festeiros naturalmente haviam de fallar ao prégador para prégar. Não lhe parece? Pois a quem pertence o direito de escolher o assumpto: é aos festeiros ou ao prégador? Ou julga v. que o prégador se vende aos festeiros pelo simples facto de acceitar d'elles uma remuneração qualquer, que ordinariamente se deixa ao seu alvitre?

Francamente, meu querido *reporter*, não esperavamos uma d'essas d'um tal cavalheiro.

Fiquem-n'o sabendo, senhores prégadores: os senhores hão-de prégar só aquillo que os festeiros ordenarem!

Mas deixe-me dizer-lhe, (quero ser generoso, já que o sr. anda tão mal dos ouvidos):—Ea fallei de S. João, fallei, sim sr.; ou antes, a proposito de S. João, e tomando-o para modelo do soffrimento, eu fallei dos espinhos que a vida tem, e do meio de os tornar floriferos: pelo trabalho honesto e assiduo; pelo cumprimento dos deveres que produz a paz de consciencia, a melhor e mais estavel das felecidades; e sobretudo pela fé em Christo que diz a todos os que trabalham e soffrem: «A vossa recompensa é abundantissima nos Céos!» E por ultimo, n'um momento de febre produzida pela consideração dos males que ameaçam o povo que é o verdadeiro, o maior martyr, eu referi-me (oh! imperdoavel falta!) com duas palavras apenas, ao comicio, no qual—a proposito da questão—irmãs da caridade—que eu continuo a considerar «*geralmente umas santas mulheres*», (pelo menos emquanto se me não provar o contrario)—se verteu *com suavidade* muito veneno, muito!

Ainda assim me arrependi de o ter feito, não pelo absurdo das minhas ideias, mas porque não gosto de melindrar ninguem, e melindrei alguma gente.

Já vê pois, o *meu amigo*, que eu não fui para o pulpito fallar do comicio nem das irmãs da caridade: incidentemente e muito de leve lhe toquei.

E não estaria no plenissimo direito de o fazer? E não caberia nas minhas attribuições como prégador sagrado, por humilde que o seja, prevenir os fieis que me escutavam d'aquillo que eu creio ser um mal; prevenil-os do veneno que os *apostolos da ideia novissima* pretendem mansamente inocularlhes nas veias, dizendo-se christãos, quando é certo que elles tem tanto de christãos como eu de atheu?

Eu queria que elles fossem mais francos e leaes. Mas não os insultei, como elles costumam fazer; antes lhes respeito muito as ideias, como eu desejo que elles respeitem as minhas: o que não quer, porém, dizer que as não combata lealmente, porque as julgo um mal; embora esteja convencido de que a verdade, de qualquer lado que esteja, ha-de ser mais tarde ou mais cedo, a vencedora.

E que lhe parece, meu caro senhor do *Districto*: terei ou não razão? Veja lá, homem! O que v. não tinha, era razão para me insultar.

Seja, pois, mais justo, quem quer que v. é, e fique sabendo que se não insulta assim um homem que lhe deve merecer respeito e consideração, como v. me tem merecido, se é quem eu julgo, e como nos merecem todas as pessoas das quaes, pelo menos, nunca nos constou mal.

Certo de que o publico ha-de julgar imparcialmente, eu termino esta, agradecendo-lhe, sr. redactor, antecipadamente a publicação d'estas linhas que, se não foram dictadas por uma intelligencia esclarecida, foram-n'o ao menos por uma consciencia recta e justa.

Aveiro, 26—6—88.

O prégador insultado.

NOTICIARIO

Passagem e regresso.—Passou na estação d'esta cidade, em direcção a Arganil, o muito digno Procurador Régio junto á Relação do Porto, o sr. conselheiro Augusto Maria de Castro Corte-Real. O illustre magistrado, que é, incontestavelmente, um dos caracteres mais intelligentes e mais probos da judicatura portugueza, foi alli tomar posse da comarca que por promoção lhe foi destinada, e volta sem demora á séde do districto onde a sua presença é sempre precisa e indispensavel.

Notas de carteira.—Esteve n'esta cidade o sr. Manuel de Gouvêa Osorio, digno tenente-coronel de engenheiros, que veio inspeccionar as obras do novo quartel do Principe D. Carlos.

— Chegou o novo major de cavallaria 10.

Padre José Lamego.—E' assim que o fallecido redactor do *Artilheiro* e do *Braz Tizana* Souza Bandeira chrismou o sr. José Alves Pereira da Fonseca, e é assim que ainda hoje em Aveiro é conhecido e saudosamente lembrado o illustrado abbade de S. Thiago d'Antas, um dos primeiros senão o primeiro prégador do seu tempo. Ainda está na memoria de muitos o magnifico discurso que o sympathico padre José Lamego prégou na egreja de Jesus por occasião da festividade de Santa Joanna Princeza em 1846. As tradições d'este sermão não se apagaram ainda, tal foi a impressão agradabilissima que produziu em todos os que tiveram a dita de o ouvir. No pulpito d'aquella egreja e na mesma festividade tem-se visto o que Portugal tem de mais notavel em oratoria sagrada; pois apesar d'isso o sermão do padre José Lamego tem sobrevivido á recordação de todos elles. O padre José Lamego era então parocho em Ossella, concelho de Oliveira d'Azemeis, e como politico era tido como cartista *enragé*. A revolução popular que havia um mez rebentára no Minho, contra o ministerio cartista, tinha em Aveiro numerosos adeptos, que já no dia 12 tencionavam levantar aqui identico grito. Por motivo da festividade de Santa Joanna, adiaram a revolta para o dia seguinte, 13 de maio, mas foi tal o effeito produzido pelo sermão do padre José Lamego, que os rapazes d'então resolveram offerecer-lhe um jantar n'aquelle dia, e como a maioria d'elles tinha de entrar na revolução, ainda esta teve de soffrer novo adiamento, pois só se realisou no dia 14, como é sabido. Feita a revolução e preso o governador civil, Antonio José Vieira Santa Rita, um dos primeiros cuidados dos revoltosos foi o dirigirem-se a casa do sr. José Maria de Magalhães, onde estava o padre José Lamego, e ahi lhe deram voz de preso, dando-lhe a casa por homenagem. A' noite fizeram-no partir n'um barco para Ovar, acompanhando-o até o embarque.

No anno seguinte voltou o padre José Lamego a pregar na mesma festividade e poucos annos depois veio tambem pregar á egreja matriz d'Ilhavo, facto que levou então ali o que em Aveiro havia de mais distincto. Eram e são muitas as sympathias que o illustrado sacerdote conta entre nós, por isso foi com verdadeiro jubilo que os seus velhos amigos o abraçaram ha poucos dias aqui, onde veio depois de um interregno de muitos annos. A vinda do padre José Lamego agora a Aveiro foi um acontecimento que a chronica não podia deixar de registar, e pena foi que a demora de s. ex.ª fosse tão curta, pois a sua presença sempre agradavel, o seu espirito sempre scintilante e vivo, a sua conversação cheia de atractivos a que dá um realce enorme uma memoria felicissima o torna á primeira vista sympathico até mais não póde ser.

O padre José Lamego, que contava bastantes amigos em Aveiro, e se mais não contava é porque uma grande parte dos homens do seu tempo já desertaram ha muito para não mais voltar, grangeou agora muitos outros que jámais esquecerão o sua visita, do mesmo modo que nunca esqueceram as tradições que o seu bom nome deixou aqui.

Concessão pontificia—O venerando prelado d'esta diocese o ex.mo sr. Bispo Conde acaba de communicar telegraphicamente ao muito digno e illustrado arcipreste o revd.º sr. José Candido Gomes de Oliveira Vidal, que Sua Santidade permitte que este anno no dia dos apostolos S. Pedro e S. Paulo (29 do corrente), se possa comer de carne, não obstante ser sexta-feira.

S. João do Rocio.—Estiveram brilhantes os festejos de sabbado, em que as duas phylarmonicas—*Amizade* e da Vist'Alegre tocaram caprichosamente os seus reportorios, agradando geralmente; no emtanto manda a verdade que se diga, que a ultima tocou com gosto, porque tem uma organisação regular. A illuminação produzia lindissimo effeito, e o fogo do ar foi variado e vistoso. A concorrencia era muita, apparecendo no local varios ranchos com danças. No domingo houve missa cantada na capella, e de tarde sermão, que foi muito concorrido, e musica no arraial, ao qual affluiu muita gente.

A' noite pelas ruas havia muitas fogueiras, e as *tricanas* faziam-se ouvir, cantando o *S. João*.

Quer isto dizer, que o povo, apesar das *berratas* dos livres pensadores, continúa com as crenças, que lhes legaram seus maiores, e despresa as *theorias modernas* dos oradores d'... armazens!

O banho sancto.—Na tarde de sabbado ultimo passaram n'esta cidade numerosos ranchos de aldeãos, alguns bem de longe, abas da serra do Caramulo, com destino á barra, afim de tomarem á meia-noite o—*banho sancto*—que, segundo é crença popular, vale por 14! No local reuniram-se milhares de romeiros, que, entre danças e descantes, passaram alegremente a noite, banhando-se nas *salsas ondas*.

Trabalho no mar.—O mar continua bom e continua por conseguinte o trabalho de pesca. Esta porém tem sido em deminuta quantidade. A sardinha que bem ao mercado está toda por 1$500 reis o milheiro.

Recrutamento.—Para o cumprimento do artigo 45.º da lei do recrutamento foi, pelo ministerio da guerra, nomeado o pessoal que ha-de compor as juntas de inspecção dos recrutas, em todos os districtos, e que começarão a funccionar no dia 1.º do proximo mez de julho; bem como para a execução do artigo 49.º § 4.º da mesma lei foi nomeado o pessoal medico militar para a constituição das juntas de 2.ª inspecção, ou de recurso.

A junta de inspecção, em Lisboa, é composta dos srs. tenente-coronel do estado-maior de infanteria, João Maria de Magalhães, presidente; e dos facultativos Manuel Antonio Affonso Salgueiro, cirurgião-ajudante de caçadores 7, e Eduardo de Jesus Teixeira, cirurgião-mór de infanteria 22.

As juntas da 2.ª inspecção teem por presidentes os generaes das divisões, ou quem legalmente os substitua e o pessoal medico está assim distribuido:

1.ª divisão: Cirurgião de divisão, Carlos José dos Santos e Silva, e cirurgião de brigada Guilherme José Ennes.

2.ª divisão: Cirurgião de divisão, Miguel Antonio da Conceição Dantas e cirurgião de brigada José Antonio de Mello Vieira.

3.ª divisão: Cirurgião de divisão, Joaquim de Almeida Simão e cirurgião de brigada Emilio Augusto Oliveira.

4.ª divisão: Cirurgião de divisão, Luiz Maria de Assumpção e cirurgião de brigada Augusto Carlos Teixeira Aragão.

Parece que vae tomar-se uma providencia qualquer, com relação aos recrutas que solicitem 2.ª inspecção dos districtos insulanos, por quanto aqui só ha commandos militares, que não pertencem a nenhuma das quatro divisões do continente; e por não se saber, por isso, como dar-se execução ao § 5.º do artigo 43.º, que diz:—«O requerimento será directamente dirigido ao presidente da junta da 2.ª inspecção e só poderá ser apresentado dentro de dez dias contados d'aquelle em que o respectivo mancebo tiver sido inspeccionado.»

Noticias da Bairrada.—Em 22.—Ha poucos dias enraiveceu-se um gozo pertencente a Joaquim Motta, de Mogofores, e mordeu alguns da sua especie e duas pessoas do mesmo logar. Alguem, mal avindo com Maria Rita Lebre, (officiaes do mesmo officio) propalou que um canzarrão de que ella é dona tinha sido mordido por aquelle raivoso. Era a *tal couza* do—mata que é damnado.—E como ella affirmava o contrario, foi prevenido o sr. administrador do concelho, que não se demorou em mandar intimar esta sr.ª para que tivesse o cão fechado durante 20 dias, e ella obedeceu fechando-o. O bicho, porém, ante-hontem pôde sair na occazião em que alguem entrava, e procurou logo na rua um grupo de cães que arregalando-se ameaçadoramente parecia se devoravam, disputando as graças de uma visinha da sua raça. Por fim engalfinharam-se, e o da sr.ª Maria Rita como mais possante mordeu os outros a torto e a direito, não poupando a cadella (que era a que devia estar fechada para poupar os transeuntes e os visinhos do logar a verem as indecencias da consuada). Logo o alarme, e os chuços e espingardas sahiram á rua em perseguição do cão escapulido, salvando-o da morte o irmão da dona que o foi buscar a casa d'este na manhã seguinte. Os canicidas, como não poderam satisfazer os seus *bellicos* fins no cão a que nos referimos, apanharam um nosso, respeitavel e pacifico, que, vindo da *sucia* se dirigia a nossa caza, deram-lhe a voz de—mata que foi mordido pelo da Maria Rita—feriram-o na cabeça, deslocaram-lhe uma perna: não o mataram por não poderem.

— Ha em Mogofores uns caçadores de pombas, que as matam em predios que não são seus, e levam-as para casa. Ha poucos dias que atiraram ás do ex.mo sr. dr. Cancella, e ás nossas, levando-as para comer.

— Na sexta-feira, 8, dia do Coração de Jesus, os srs. secretarios das matrizes, quotisando-se, foram em boa camaradagem, passar o dia na aprasivel estancia d'aguas ferreas de Valdamó. Ao jantar brindaram aos srs. Alexandre de Seabra, eximio jurisconsulto portuguez; José Luciano de Castro, nobre presidente do conselho de ministros, grande tribuno da nação, a suas ex.mas familias, a outros cavalheiros, entre os quaes ao sr. Julio Ferreira, digno escrivão de fazenda em Anadia, que foi um dos convidados com o pessoal da sua repartição; correndo tudo na mais grata fraternidade e decencia.

— As vinhas estão repletas de bom fructos.

— Os vinhos da ultima colheita tem alguma procura para consumo interno, sendo os preços menos convidativos ao vendedor.

F.

Transcripções.—São do *Ovarense*, de 24, as seguintes noticias:

Novo juiz.—Tomou posse, na segunda-feira, da vara d'esta comarca, o nosso novo juiz, sr. dr. Abel Pereira do Valle. S. ex.ª chega precedido d'um excellente renome recto na administração equitativa da justiça e correcto nas suas relações individuaes, illustrado e talentoso, integro magistrado e distincto cavalheiro, será muito estimado n'esta comarca, que muito precisa d'um juiz de qualidades, como s. ex.ª as possue em elevado grau. Saudamol-o, pois, fazendo votos porque s. ex.ª se demore entre nós, sempre muito estimado como merece.

Obras da junta.—Foram na segunda-feira definitivamente arrematadas e adjudicadas as obras que a junta de parochia d'esta villa projectou realisar no interior da egreja matriz. O menor lanço, pelo qual se fez a adjudicação, foi o de 499$000 reis, menos 76$000 reis portanto que a base da licitação. Por aqui vemos como a actual junta de parochia que apenas herdara da sua antecessora a importantissima quantia de 89 reis em dinheiro e um sem numero de dividas passivas, se disvela em desempenhar do seu cargo com muito brilho e esplendor. Honra lhe seja.

Actos.—Fez acto do quarto anno de direito na quarta-feira o nosso bom amigo, sr. Francisco Araujo, ficando approvado, e tomando pois o grau de bacharel.

Na terça-feira fez a sua formatura em direito o nosso amigo, sr. Augusto Barbosa, a quem apetecemos uma carreira *tranquilla e brilhante n'esta aridez* da trabalhosa vida pratica. A ambos muitos cordeaes parabens.

Da *Soberania do Povo:*

Além de um premio pecuario, recebeu na exposição pecuaria de Lisboa, pelos magnificos exemplares de gado bovino, que alli mandou, tambem o nosso presado amigo, o sr. dr. José Soares Pinto Mascarenhas, deputado da nação, obteve tres menções honrosas. A quinta de Revélles do nosso querido amigo é um dos mais bem montados estabelecimentos dos campos de Coimbra, sendo a creação de gado tratada com grande esmero e aptidão pelo seu intelligente proprietario. As distincções que os gados de Revélles receberam na ultima exposição de Lisboa foram apenas principio de recompensa para os desvellos e exforços do cavalheiro que n'aquella quinta tem empregado, além de capitaes importantes, uma boa vontade e trabalhos inexcediveis.

— Está na sua casa de Arrancada o nosso amigo o sr. dr. João Xavier Pereira Simões, medico de partido no concelho de Cuba.

Na Allemanha.—Damos em seguida, na sua integra, o relatorio formulado pelo doutor Mackenzie, segundo o convite que em presença de Bismarck lhe digirigiu o imperador Guilherme. Este relatorio foi communicado de Berlim á *Pall Mall Gazette:*

E' minha opinião que o imperador Frederico III succumbiu a um cancro. O mal originou-se provavelmente na base mais profunda dos tecidos; a structura cartilaginosa da laringe foi attingida em um periodo muito remoto. A pequena excrescencia que eu pude constatar, ao examinar pela primeira vez o fallecido imperador, foi por mim extrahida, mediante operações intralaringeas, e embora todos os fragmentos extrahidos fossem submettidos ao exame do professor Vircow, este não poude descobrir n'aquellas perções de tecidos a prova da existencia do cancro. Mas o exame das expectorações, feito no principio de março pelo professor Waldeyer, levou os pathologistas a crêr que o cancro existia n'essa epoca. Hoje é impossivel affirmar se o mal teve um caracter canceroso desde a sua origem, ou se assumiu esse caracter alguns mezes depois de se manifestar. A circumstancia de haverem actuado energicamente outras affecções, taes como a pericondrite e a caria das cartilagens, no desenvolvimento do mal, contribuiu muito, sem duvida, para a impossibilidade de chegar antes de uma data recente a formular uma opinião precisa sobre a natureza da doença.

«(a) *Morell Mackenzie.*»

«P. S.—Até onde as minhas observações, que datam do mez de agosto, me permittem formar uma opinião, estou completamente d'accordo com a de sir Morell Mackenzie.»

(a) *T. Mark Howel.*

O principe herdeiro da Allemanha.—O novo kronprinz da Allemanha, titulo que traduzido litteralmente quer dizer principe da corôa ou principe herdeiro, chama-se Frederico Guilherme Victor Augusto Ernesto.

Nasceu em Postdam a 6 de maio de 1882, tendo por conseguinte pouco mais de 6 annos.

E em rigor acabam aqui os traços biographicos do juvenil kronprinz. Se apontassemos alguns, seriam iguaes aos que se pódem attribuir ás creanças da sua idade; alegrar e importunar os paes e as aias, segundo estiverem de bom ou máu humor.

Entretanto sabe-se que o filho de Guilherme II se mostra muito contente quando lhe vestem o uniforme de lanceiros e que se entretem ou se distrahe a brincar com soldados de chumbo. Mas isto não tem significação alguma. O kronprinz, como todas as creanças da sua idade, é uma larva mysteriosa, cujos segredos a Providencia guarda nos seus designios.

A expulsão dos jornalistas francezes.—A expulsão dos correspondentes do *Gaulois* e *Matin* produziu em Paris profunda sensação. Relativamente a este acontecimento dizem de Paris:

«São muitos os jornaes que exigem do governo francez medidas de represalia contra os correspondentes allemães residentes em França. Entre outros, a *France*, publica a lista dos correspondentes de jornaes allemães conhecidos como taes e excita o governo a que os expulse. Nas espheras officiaes condemnam-se, porém, estas excitações da imprensa, e o pensamento, tanto do chefe do governo como do ministro dos negocios estrangeiros, é que a França deve seguir uma conducta muito differente do espirito raccionario da Allemanha.»

Processo Mackenzie.—«Desde que morreu o imperador Frederico—diz um telegramma de Berlim—tem tomado corpo no publico e principalmente no partido patriotico exaltado o boato de que se instauraria um processo ao dr. Mackenzie, como reu do crime de lesa magestade.»

A *Gazeta de Colonia* falla encobertamente d'este boato, atacando com violencia o medico inglez e recordando que o seu diagnostico errado impediu que se fizesse ao imperador a operação proposta pelas summidades scientificas allemães, operação que o teria salvado.

O jornal *Noticias de Hamburgo* avança mais, e opina que nos altos centros politicos se pensou seriamante em proceder contra Mackenzie, segundo alguns artigos do codigo penal. Mas os medicos allemãs, sendo consultados sobre o processo, declararam que —se bem que a intervenção do especialista inglez foi perniciosa para o imperador Frederico—será difficil provar as faltas technicas por forma que se satisfaça ás exigencias do direito penal.

Esta opinião parece garantir ao medico inglez a sua tranquillidade futura.

Um telegramma de Bismarck.—O sr. Crispi, presidente do conselho de ministros da Italia, enviou ao principe de Bismarck uma carta de pesames pela morte do imperador Frederico. A essa carta respondeu o chanceller o seguinte telegramma:

«N'estes tempos de dolorosas provas que a Allemanha atravessa, as palavras tão sympathicas que me dirigisteis, e que eu transmitti aos membros do governo, trouxeram-nos consolações que nos ajudaram a supportar as grandes dores que pesam ha tres mezes sobre a Allemanha.

Os sentimentos do nobre povo italiano, confundindo-s actualmente com os nossos nas mesmas penas e nas mesmas esperanças, acharã um echo reconhecido em todos os corações allemães.

Commoveram-me profundamente as condolencias que pessoalmente me dirigistes.

Crêde na sinceridade da minha gratidão e da minha affeição.—*Bismarck.*»

FREDERICO III

Damos em seguida alguns dados biographicos do fallecido imperador da Allemanha.

O Principe

1831-1858

Nada mais sympathico, mais commovedor, mais grandiosamente bom, do que lançar a vista pela existencia d'esse Grande Homem de Bem, que acaba de finar-se.

A existencia do imperador Frederico, diz Eduardo Simon n'um livro recentissimo, encontra-se primeiro e de algum modo enquadrada nas duas revoluções francezas de 1830 e 1848. Ambas ellas tiveram uma repercussão na Allemanha: uma despertou o liberalismo adormecido desde 1815; a outra abalou os thronos e deu corpo ás aspirações para a união nacional.

Foi, por assim dizer, ao alvorecer da manhã seguinte a essas revoluções, que nasceu o futuro herdeiro do throno da Prussia. Seu pae era o principe Guilherme, filho segundo de Frederico Guilherme, então já herdeiro presumptivo, visto não haver esperanças de successão directa do casamento de seu irmão. Em 11 de junho de 1829, o principe Guilherme casou com a princeza Augusta, filha do grão-duque Carlos Frederico de Saxe-Weimar, neta, pela parte materna, do imperador da Russia Paulo I. A 18 de outubro, anniversario da batalha de Leipzig, a artilheria annunciou aos habitantes de Berlim o nascimento, no novo palacio de Potsdam, d'um principe, que, a 13 de novembro, recebia na pia baptismal o nome de Frederico Guilherme Nicolau Carlos.

A infancia do novo principe correu sob a direcção principal da eminente princeza que, com o seu elevado espirito artistico e litterario, soube quebrar os angulos do rigorismo militar, que predominava na corte prussiana. Em 1840 principiou a sua educação mais cuidada, presidida pelo coronel Unruh. Como a todos os principes da casa Hohenzollern, preparam-n'o para a vida de soldado. A 7 de junho de 1840 morreu seu avô Frederico Guilherme III; seu tio, Frederico Guilherme IV sobe ao throno, e seu pae, como é de uso na tradição dynastica, toma o titulo de principe da Prussia. O moço principe Frederico Guilherme sobe, portanto, mais um degrau, que o ácerca do throno da Prussia.

Em 1841 é condecorado com a Aguia Negra, e recebe a patente de alferes da guarda, e principia a sua vida militar, em intima confraternidade com os seus camaradas de regimento. O tempo dos reinados patriarchaes passou. Os povos querem ser associados á direcção dos seus negocios; o soberano que os governe precisa conhecer de perto as suas necessidades e interesses.

Mas nem por isso é descurada a instrucção scientifica do principe. O philosopho Curtius, de Lubesck, com outras summidades de não menor renome, ensinam-lhe a historia, a geographia, a mathematica, o francez, o inglez, a musica, o canto. Não se esquecem os exercicios do corpo: a esgrima, a gymnastica, a dança, a equitação. Dá-se mesmo satisfação a uma velha tradicção da familia real, que consiste em ensinar a cada um dos seus membros uma profissão manual. O principe Frederico Guilherme aprende os officios de marceneiro e de encadernador.

Foi no meio d'estes estudos que a insurreição veio rugir ás portas do palacio paterno, e, emquanto o principe da Prussia ia procurar um asylo na Inglaterra, sua familia ficava em Potsdam, com o rei Erederico Guilherme IV. O principesco palacio de Berlim só escapou ao saque graças á intervenção da milicia burgueza e do regimento academico. Potsdam foi o refugio contra a tormenta popular.

A 6 de junho, o principe da Prussia regressa a Berlim, jura a constituição, mas conserva-se apartado da direcção politica, até que é enviado para o sul, com a missão de reprimir a insurreição do grã ducado de Baden. O filho não o acompanha: não querem associal-o a uma sanguinolenta guerra civil.

Aos 18 annos entra para a universidade de Bonn. Principia o seu curso de direito. O programma do curso não é sequer levemente alterado para elle, e faz brilhantemente o seu direito romano, direito ecclesiastico, direito das gentes, direito allemão e direito criminal. Alguns dos seus professores, Dahlmann e Arndt, pertencem ao partido liberal: é nos seus cursos que elle faz os estudos de historia e de direito politico. Seu pae governa então as provincias rhenanas, e tinha o seu quartel general em Coblentz. A côrte de Berlim, onde continuava uma politica dubia, afastava-o naturalmente. Os acontecimentos de 1848 tinham-lhe ensinado a necessidade d'uma politica progressiva no interior e vigorosa e nacional no exterior.

Coblentz torna-se por isso uma pequena côrte, frequentada principalmente pelos chefes do partido liberal moderado.

Aqui completa o principe, com a lição pratica, os commentarios theoricos da universidade. Falta-lhe a instrucção das viagens, mas essa começa em setembro de 1850. Visita a Suissa, a alta Italia, o meio-dia da França, Toulon, Marselha e Lyon. No anno seguinte acompanha a sua familia a Londres, onde se abre a primeira exposição universal, organisada pelo principe Alberto.

Data d'aqui o primeiro encontro *com aquella que foi a boa, a valente*, a dedicadissima companheira da sua existencia. A rainha Victoria mostra-se encantada com o principe e no seu *Jornal*, diz d'elle: «é um bom e amabilissimo rapaz».

Depois das festas da exposição o principe volta para Bonn e termina o seu curso. Em 1652 deixa a universidade por entre as enthusiasticas acclamações dos seus companheiros e da população em massa.

Recomeça o serviço militar e entrega-se a elle completamente: no verão, as grandes manobras, no inverno, as conferencias na escola militar.

Dezembro de 1854 é data da sua viagem á Italia.

Pio IX, então em excellentes relações com o rei Frederico Guilherme IV, recebe-o cordealissimamente, a aristocracia romana consagra-lhe festas brilhantes.

Na volta é nomeado chefe de esquadrão. O coronel Grieshein conta nas suas memorias a entrevista que então teve com a mãe d'aquelle que agora acaba de expirar.

«Por occasião da nomeação do «principe recebi de sua mãe convite «para ir ao palacio fallar-lhe. Devo «fazer inteira justiça ás intenções da «mãe; não se preoccupava nem com «o trabalho nem com as responsabili«dades do filho, o que me pedia era «que o não poupasse a nenhuma das «agruras do serviço, para que pudes«se reconhecer bem todas as difficul«dades do serviço militar. Trata-se de «educar o seu futuro rei, disse-me «ella; é um dever sagrado mostrar«lhe as coisas taes como ellas são.»

Em 1855, dão ao principe como ajudante o coronel de estado maior do 4.º corpo. E' com elle que o principe prosegue o serviço e o estudo militar.

Esse companheiro era... Moltke.

*

Abramos agora um parenthesis para fallar n'aquella que por tão pouco tempo, tambem, se assentou no throno imperial.

A educação da princeza Victoria, dirigida por seu pae, não foi menos attentamente dirigida do que a do principe que veiu a ser seu marido.

«Uma das minhas primeiras ma«ximas, diz a rainha no seu *Jornal*, é «que as filhas devem ser educadas, «quanto possivel, com simplicidade e «especialmente para a vida intima, e «que, sem prejuizo d'um estudo serio, «se conservem junto de seus paes, a «quem devem tornar os seus confiden«tes mais intimos.»

N'estes principios se educou a princeza. Em parte alguma a vida de familia era mais levantadamente seguida do que na côrte ingleza.

Uma nova viagem do principe Frederico é annunciada aos intimos como uma approximação de casamento. Em 29 de agosto o principe Alberto escreve á duqueza de Kent: «E' «provavel que tenhamos em breve, «durante alguns dias, em Balmoral, a «visita de Fritz da Prussia.» — Era assim que lhe chamavam na intimidade.

Na correspondencia do principe Alberto podem seguir-se todas as peripecias interessantes d'esse drama intimo. Temos pena, pela brevidade do tempo, e pela falta de espaço, de encurtar essas notas tão curiosas.

Em 20 de setembro diz o principe Alberto n'uma carta que fragmentamos:

«O moço principe partiu no dia «28. Agradou-me muito. Uma graude «rectidão, a franqueza e a honestida«de são as qualidades dominantes. «Parece limpo de prejuizos e muito «dado; confessa-se enamorado de «Vicky». (O nome familiar da princeza Victoria).

Em 29:

«O principe está realmente apai«xonado, e Vicky faz todo o possivel «para lhe agradar. Recebemos hoje «resposta de Coblentz, do principe e «da princeza da Prussia. Estão satis«feitissimos, a communicação feita ao «rei tambem foi acolhida com verda«deira alegria. Lord Clarendon man«dou-nos parabens, por toda a parte «lhe elogiaram o principe. Lord Pal«merston declarou que esta união é «util aos interesses dos dois paizes, e «Europa em geral.»

Já o dissemos: toda a correspondencia que se segue é d'uma curiosidade palpitante, mas não podemos transcrevel-a aqui toda, embora nenhum outro processo desenhe mais nitidamente o caracter sympathico dos dois enamorades principes.

Uma excepção, apenas, para terminarmos este periodo.

O principe escrevia a sua noiva contendo-lhe as occupações em diversos ministerios, para se instruir na rodagem administrativa. O principe Alberto, um pouco sceptico a respeito das coisas de burocracia, escreve:

«Depois de estudares tudo isso du«rante algum tempo, reconhecerás a «grande verdade das palavras do «Oxenstiern: meu filho, vaes ficar ad«mirado ao saber com que pouco tino «se governa o mundo.»

Depois, fallando da filha:

«Vicky anda tambem muito occu«pada. Agora redige um resumo da «historia romana.»

A 25 de janeiro de 1858, celebra-se o casamento.

Na manhã d'esse dia a rainha Victoria escreve no seu *Jornal*:

«E' o segundo dia mais notavel da «minha vida. Sinto-me impressionada «como se segunda vez me fosse casar. «Estou, porém, mais nervosa, porque «não tenho, como então, a deliciosa «sensação, que nos enleva e anima, «de entregar-nos para todo o sempre «áquelle que amamos. Levantei-me e «quando me estava a vestir a querida «Vicky veiu ao meu quarto. Dei-lhe um bom livro: *Deveres das noivas.*

A 2 de fevereiro os dois noivos partem para Berlim, onde entram em 8 no meio de grandes festas, que duram uma semana inteira.

O Principe Real

1858-1870

Estes detalhes sobre o casamento do principe real não são inuteis, como o leitor reconhecerá. Marcam uma phase importante da politica da Prussia.

A correspondencia entre o principe Alberto e sua filha e genro, continua depois. O marido da rainha Victoria tinha a mais levantada consideração por sua filha. «E' um espirito «de homem e um coração de creança», dizia elle. Os uttimos acontecimentos, que todos conhecem, confirmam plenamente esta apreciação paterna.

Em agosto a rainha Victoria vae visitar sua filha. A' despedida prometem ver-se outra vez em breve. Mas a etiqueta prussiann desgostou a rainha de Inglaterra. O principe Alberto, apesar da sua posição especial, occupara um logar secundario. A rainha não o esqueceu nunca.

Depois do casamento o principe continuou as suas occupações militares. Graves acontecimentos vieram mudar a sua posição.

O rei Frederico Guilherme, incapaz de reinar, transmittiu a regencia ao principe da Prussia.

A 27 de janeiro de 1859 nasce o principe Guilherme—aquelle que vae agora subir ao throno.

Grande alegria em Londres, grande alegria em Berlim. O principe regente ao saber do nascimento do neto, estando em conselho de ministros, sae á rua, não encontra a sua carruagem, toma um carro de praça, e vae ao palacio de seu filho.

A princeza Victoria continua activamente a correspondencia com seu pae.

Os seus estudos chegam até ao seguinte ponto, que não devemos deixar de dar aqui, porque nos parece frisantemente caracteristico.

Aproveitando as lições de direito constitucional, que recebera do pae, concebeu a idéa d'um relatorio sobre os problemas mais complexos do direito publico. Este relatorio nunca foi publicado. Das cartas do principe Alberto, porém, conhece-se quaes os fundamentos das suas conclusões, e as suas theorias sobre uma lei de responsabilidade ministerial.

Em 31 de dezembro de 1860 morre o rei Frederico Guilherme IV. O principe regente succede-lhe com o nome de Guilherme IV, o principe Frederico herdeiro do throno toma o titulo de principe real, e a 27, conforme o uso, e nomeado logar-tenente do rei na Pomerania.

Pouco depois, o partido liberal perde completamente as ultimas esperanças que tivera no imperador Guilherme. O ministerio não dissimula a intenção, de accordo com o monarcha, de nada ceder da auctoridade real em proveito do poder parlamentar. A opposição nas camaras toma largas proporções. A situação do principe real encontra-se apertada n'um dilemma terrivel: as suas sympathias pelo regimen constitucional e os seus deveres de herdeiro da corôa.

Bismarck, então ministro em Paris, é chamado á presidencia do conselho. O rei não queria ceder. O principe real hesitava. Venceu o rei. O principe conservou-se depois sempre discretamente apartado de toda a influencia do governo. Não o chamavam, é certo. Mas nunca elle, tambem, por sua parte, fez qualquer esforço para que o chamassem.

A 15 de novembro de 1863 morre o rei da Dinamarca e pouco depois rebenta a guerra dos ducados. O principe imperial toma o commando dos exercitos austro-prussianos. Terminada a guerra renasce a antiga contenda entre Berlim e Vienna.

O principe conserva-se afastado de toda a influencia e de todo o conselho.

Em 1866 declara-se a guerra com a Austria, que termina em Sadowa. Foi o principe quem, chegando ao campo de batalha, com o exercito que commandava, determinou esta grande victoria.

O pae abraça-o, chorando, sobre o campo de batalha e prega-lhe no peito a cruz do Merito, a mais elevada de todas as recompensas prussianas.

Em 1869 faz a viagem do Oriente para a abertura do canal de Suez.

No anno seguinte rebenta a guerra com a França. O principe é nomeado commandante em chefe do terceiro. Testemunha da capitulação de Sedon, foi o primeiro a chegar a Versalhes.

Depois da capitulação de Metz é nomeado feld-marechal do exercito. A sua estada em França é a protecção das populações vencidas, o respeito á propriedade, a correcção mais cavalheirosa.

Em 18 de janeiro de 1871 é proclamado em Versalhes o imperio allemão. O principe toma, pois, o titulo de—principe imperial da Allemanha.

O Principe Imperial da Allemanha

(1871-1888)

Vamos reunir os ultimos acontecimentos, mais frescos ainda na memoria de todos.

A 7 de março de 1871 o principe regressa de Versalhes a Berlim onde é acclamado enthusiasticamente, e acabada a guerra recomeça a sua vida pacifica e exemplar do lar domestico. Nada mais feliz do que essa casa abençoada, que pouco depois havia de ser revolvida com as duras provações, que ha poucas horas terminaram para elle no socego da morte! Depois da Biblia não conhecemos nada mais santamente consolador do que a leitura do livro intimo d'esta familia!

O imperador Guilherme, que não gostava de repartir o poder, encarregou seu filho da parte representativa.

Em 9 de junho assiste á inauguração da estatua de Stein, o grande reformador da Prussia.

Em 1873 vae á inauguração da exposição de Vienna.

D'ali vae á Italia.

Regressa a Berlim para receber o Shah da Persia, e pouco depois parte novamente para a Suecia. Na Italia, lança as bases d'uma nova alliança, em Stockolm prepára uma ligação nova entre as duas dynastias.

Vae a Dinamarca; em setembro recebe Victor Manuel, que vem a Berlim visitar o imperador Guilherme.

Em 1874, vae a S. Petersburgo, ao casamento da filha do imperador Alexandre II com o duque de Edemburgo.

A 5 de julho volta a Vienna, representar o imperador nas exequias do imperador Fernando.

Em 1878 vae a Italia assistir ao enterro de Victor Manuel.

Em 11 de maio o imperador Guilherme é atacado por um operario nihilista, que não consegue feril-o. Repete-se depois o attentado, e o velho imperador fica muito ferido. O principe é então encarregado do gove no.

Em 1879 morre-lhe um dos filhos, o principe Valdemar.

Em 1883 vem á Hespanha pagar a visita ao rei Affonso.

D'ali vae a Roma e consegue resolver o problema, até então insoluvel, de ser recebido pelo Quirinal e pelo Vaticano.

Em 1884 é creado, ou antes, reorganisado, o conselho de Estado. A sua missão é preparar as leis que depois serão discutidas pelo parlamento. O principe toma a presidencia, mas o conselho quasi que limita a sua acção ao acto inaugural.

Em agosto vae assistir ás festas da universidade de Heidelberg. E' a ultima vez que falla em publico.

O Imperador

(1888)

A 22 de março de 1887 o imperador Guilherme completa 91 annos. Ha as grandes festas, e então o principe imperial começou a apparecer pouco. O principe imperial, dizia-se, padece d'uma constipação teimosa. Em 14 de abril vae para Ems, procurar cura. O mal aggrava-se, apesar d'isso, porem, vae a Londres ás festas do jubileu. A doença augmenta, e vem para Tablach, no Tyrol. D'ali muda para Veneza, depois para Baveno e por ultimo para San Remo.

A 9 de março o grande imperador expira, e o filho, que se julgava já morreria ainda primeiro, tem um momento em que vence a doença.

Essa grande lucta, que elle supportou com uma coragem e uma paciencia evangelica, terminou ha poucos dias...

Qual será a situação da Europa depois que esse cadaver tenha arrefecido?

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 18 de junho

Presidencia do sr. João Crysostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Presentes 25 dignos pares.

O sr. marquez de Vallada instou novamente pela realisação das suas interpellações.

Os srs. conde da Folgosa e ministro da fazenda trocaram explicações sobre uma circular d'este sr. ministro, para que os srs. deputados que são funccionarios só recebam os seus vencimentos depois do encerramento das côrtes.

O sr. ministro da fazenda disse que procederia como fosse de justiça.

ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr. Hintze Ribeiro usou da palavra durante toda a hora, atacando a gerencia financeira do sr. ministro da fazenda.

—

Sessão de 19 de junho

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 20 dignos pares.

Os srs. Vaz Preto e ministro dos estrangeiros trocaram explicações ácerca das palavras proferidas pelo sr. Moret, apurando-se das declarações do sr. ministro que o actual ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha significára ao governo portuguez o sentimento de consideração que a Hespanha tem por Portugal.

O sr. ministro dos estrangeiros ficou de comparecer na proxima sexta-feira para responder a varias perguntas que lhe quer dirigir o sr. Barbosa du Bocage.

ORDEM DO DIA

Orçamento rectificado

O sr. ministro da fazenda defendeu a sua gerencia que o sr. Hintze Ribeiro atacára.

Fallaram depois, fazendo breves considerações, os srs. Serpa Pimentel, Antonio Maria de Senna, Moreira Rey e Vaz Preto.

Foi depois approvado o orçamento rectificado.

—

Sessão de 20 de junho

Presidencia do sr. João Chrisostomo secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Presentes 21 dignos pares.

Os srs. Luiz Bivar e ministro da fazenda trocaram explicações sobre a questão das matrizes prediaes, declarando o sr. ministro que as novas matrizes não serão postas em execução sem se proceder a uma revisão geral.

O sr. Luiz Bivar tambem se referiu á abertura do caminho de ferro do Algarve.

O sr. ministro da fazenda declarou parecer-lhe que os empreiteiros d'aquella linha tinham soffrido prejuizos por causa da elevação dos salarios aos operarios, sendo impossivel abrir a linha á exploração em julho, mas que o governo esperava que a abertura se realisasse em setembro.

O sr. marquez de Vallada instou novamente pela realisação das suas interpellações, e perguntou se a organisação judiciaria sempre será discutida na presente sessão legislativa.

O sr. ministro da fazenda declarou que o governo tinha os maiores desejos de que aquelle projecto fosse discutido.

ORDEM DO DIA

Lei de meios

O sr. Camara Leme occupou-se da despeza feita com o exercito dizendo que sem se melhorar a organisação militar actual toda a despeza se tornava inutil.

O sr. ministro da guerra disse que para ser melhorada a organisação do exercito seria necessario diminuir o numero de praças ou então diminuir as unidades. Como, porém, a primeira hipothese realisada se tornaria onerosa para o estado, é necessario adoptar a segunda.

Tendo-se o sr. Camara Leme referido ao livro sobre a situação militar de Portugal, publicado pelo sr. coronel Mesquita, o sr. ministro da gueera disse que o autor do livro se referira ás faltas que já estavam remediadas.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. visconde de Moreira de Rei o qual extranhou que fosse permittido que um escriptor militar désse informações que não eram exactas.

O sr. ministro da guerra, em ápparte, respondeu que tem sido tolerada essa pratica, mas que será bom que acabe.

O sr. visconde de Moreira de Rey ficou com a palavra reservada.

—

Sessão de 22 de junho

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios, os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 3 1|4. Presentes 23 dignos pares.

O sr. presidente nomeou a deputação que tem de assistir á trasladação das ossadas de Alexandre Herculano.

ORDEM DO DIA

Lei de meios

O sr visconde de Moreira de Rei occupou-se principalmente da questão dos assucares, com respeito á disposição que constitue o parapho 10.º

Tornou-se muito animado e por vezes irritado este debate, fallando varias vezes os srs. visconde de Moreira de Rey e ministro da fazenda.

A requerimento do sr. Vasconcellos Gusmão foi a sessão prorogada até se votar o projecto.

Depois de fallarem os srs. Barjona de Freitas, Pereira Miranda, Hintze Ribeiro a Vaz Preto, foi o projecto approvado.

—

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 18 de junho

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas e meia da tarde.

Presentes 82 srs. deputados.

O sr. Julio de Vilhena perguntou se o cardeal patriarcha prohibira que o conego Alves Mendes prégasse o elogio funebre do eminente historiador Alexandre Herculano.

O sr. ministro da justiça disse que não tinha conhecimento d'esse facto.

O sr. D. José de Saldanha referiu-se á circular do sr. ministro da fazenda relativa aos deputados que exercem logares publicos, os quaes só poderão receber subsidio depois de encerradas as côrtes. Propoz que esta resolução fosse posta de parte, para que esses deputados possam receber desde já.

O sr. Alfredo Brandão sentiu a ausencia do sr. presidente do conselho, pois queria saber quaes as responsabilidades que o governo quer assumir em virtude do accordo com a opposição regeneradora, na approvação do projecto de lei concedendo uma pensão aos exploradores Serpa Pinto e Augusto Cardoso.

O sr. José de Azevedo Castello Branco apresentou uma representação da camara municipal de Moncorvo contra a provisão do bispo de Bragança, que extingue a comarca religiosa de Moncorvo.

O sr. Avellar Machado trocou explicações com o sr. presidente do conselho ácerca da prisão do redactor do *Diario do Alemtejo.*

ORDEM DO DIA

Foram lidas as emendas ao Codigo Commercial, feitas pela camara dos dignos pares.

O sr. José de Azevedo Castello Branco propoz o adiamento da discussão d'essas emendas para depois de discutidos os projectos sobre os cereaes e alcooes, allegando que, pelo accordo entre o governo e a opposição regeneradora, estavam delimitadas as propostas que devem ser discutidas na actual sessão legislativa.

O sr. ministro da justiça declarou que o governo queria que fossem discutidas as emendas ao Codigo Commercial e bem assim o projecto de reorganisação judicial.

O sr. Avellar Machado disse que isso representa o rompimento do accordo.

O sr. Lopo Vaz declarou que, segundo o accordo, só deviam ser discutidos os projectos constitucionaes e os sobre os cereaes, alcooes, professores e zonas.

O sr. presidente do conselho disse ser exacta aquella observação, mas que era sua intenção no caso de haver tempo, depois de discutidos aquelles projectos, fazer discutir a reorganisação judicial, consultando primeiro a opposição, não sendo novamente prorogadas as côrtes, se a opposição não concordar.

Entende que as emendas ao Codigo Commercial não constituem um projecto novo, mas apenas o complemento d'um projecto já votado.

Fallaram depois sobre este incidente os srs. Manuel d'Assunção, João Arroio, Alfredo Brandão e Dias Ferreira, classificando este ultimo de extraordinarias as declarações do sr. presidente do conselho.

A proposta do sr. José de Azevedo Castello Branco ficou conjunctamente com as emendas ao Codigo Commercial, porque a maioria da camara assim o resolveu.

O sr. Lopo Vaz disse que o accordo só teve em vista regular os trabalhos parlamentares no fim da sessão, sem intervir com as normas constitucionaes.

O sr. presidente do conselho disse que o governo se compromettera, pelo accordo, a serem votados os projectos, acima mencionados, não propôr a elrei nova prorogação das côrtes.

Disse que não investia com as normas constitucionaes, porque era esse o seu dever.

—

Sessão de 19 de junho

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde.

Presentes 79 deputados.

O sr. João Arroio propoz que, em vista de não estar presente nenhum sr. ministro, se interrompesse a sessão.

A camara concordou, mas tendo chegado o sr. ministro da justiça, recomeçou a sessão.

O sr. Consiglieri Pedroso referiu-se á exhorbitancia dos emolumentos exigidos pelos administradores dos bairros de Lisboa e especialmente nos casos relativos ao registro civil.

O sr. ministro da justisa disse que já tomou providencias.

O sr. José d'Azevedo Castello Branco declarou que desejava algumas explicações sobre a extincção da comarca ecclesiastica de Moncorvo.

O sr. ministro da justiça disse que

procuraria saber informações a esse respeito.

O sr. Freitas Branco congratulou-se pela approvação do projecto, sobre o regimen das aguas na Madeira.

O sr. ministro dos estrangeiro disse que o governo tendo já adoptado algumas medidas para esse fim, se interessava pelos melhoramentos da Madeira.

ORDEM DO DIA

Emendas ao Codigo commercial

O sr. Firmino Lopes combateu algumas das emendas.

O sr. Vicente Monteiro, relator, defendeu-as.

O sr. Dias Ferreira perguntou se o governo apresentaria ás côrtes o Codigo de Processo Criminal e se faria discutir n'esta sessão a reorganisação judiciaria.

O sr. ministso da justiça disse que procuraria elaborar brevemente o Codigo Commercial, e que o governo deseja fazer discutir a organisação judicial, prorogando para esse fim a sessão, se a opposição regeneradora se conformar.

Foram approvadas as emendas ao Codigo.

Recomeçou a discussão do projecto dos cereaes, fallando o sr. D. José de Saldanha.

—

Sessão nocturna

Projecto sobre os cereaes

O sr. D. José de Saldanha continuou no uso da palavra sustentando as conclusões adoptadas pelo congresso agricola, e propoz alteração nos direitos differenciaes.

O sr. Alves Matheus proferiu em seguida um discurso defendendo os interesses da agricultura.

—

Sessão de 20 de junho

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde. Presentes 82 srs. deputados.

O sr. presidente nomeou a deputação que tem de assistir á trasladação dos restos mortaes de Alexandre Herculano.

O sr. Avellar Machado pediu ao governo que melhorasse os serviços hydrographicos do Tejo.

O sr. Souto Rodrigues trocou explicações com o sr. ministro das obras publicas sobre a organisação de um plano de canalisação de Coimbra.

Os srs. Franco Castello Branco e presidente do conselho tambem trocaram explicações sobre o conflicto occorrido em Almeida, do qual resultou a morte de um homem. O sr. presidente disse que já foram instaurados os respectivos processos.

O sr. José Azevedo Castello Branco interrogou o sr. ministro da justiça sobre a extincção da camara ecclesiastica de Moncorvo.

ORDEM DO DIA

Projecto sobre os cereaes

O sr. Serpa Pinto combateu o projecto.

Respondeu-lhe o sr. Vasconcellos Gusmão, defendendo-o.

Falou depois o sr. Avellar Machado que tambem combateu o projecto.

—

Sessão de 22 de junho

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas e 3|4. Presentes 89 senhores deputados.

O sr. João Arroyo referiu-se á construcção da ponte do Pinhão, dizendo o sr. ministro das obras publicas que entende ser conveniente a construcção de uma ponte em Espinho, para servir os povos da Beira, e outra no Pinhão para servir os povos de Traz-os-Montes.

O sr. João Arroyo pediu que a commissão do regulamento dê parecer sobre os requerimentos dos mancebos recrutados em 1887, para que lhes seja applicada a lei anterior.

O sr. Ruivo Godinho e ministro das obras publicas trocaram explicações sobre a mudança da estação do caminho de ferro da Beira Baixa, em Castello Branco, e reparação da ponte de Villa Velha de Rodam.

O sr. Franco Castello Branco perguntou o motivo por que não estavam definitivamente approvados alguns lanços do caminho de ferro da Beira Baixa.

O sr. ministro das obras publicas disse que uma portaria já publicada responde, em parte, a essa pergunta.

Os srs. João Pinto e presidente do conselho trocaram explicações sobre a nomeação dos professores da Escola Normal.

ORDEM DO DIA

Projecto sobre os cereaes

O sr. Franco Castello Branco defendeu a proposta do congresso agricola.

O sr. Eduardo Villaça requereu a generalidade discutida.

O sr. Marçal Pacheco requereu votação nominal sobre o requerimento do sr. Villaça.

Assim foi resolvido, sendo o requerimento approvado por 54 votos contra 35.

Sobre a votação da generalidade, pediu o sr. João Arroyo votação nominal.

Assim se resolveu sendo a generalidade approvada por 56 votos contra 34 votos.

—

Sessão nocturna

Discussão na especialidade do projecto dos cereaes

O sr. Augusto Fuschini sustentou um ante-projecto sobre os direitos de cereaes e vinho.

O sr. ministro da fazenda apresentou uma proposta reduzindo a 28 reis sobre a farinha e trigo quando no mercado de Lisboa o preço do trigo da Ribeira esteja a 580 reis.

—

Sessão de 23 de junho

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas.

Presentes 84 srs. deputados.

O sr. Alfredo Brandão pediu providencias para os acontecimentos da Zambezia, referindo-se ao telegramma relativo a esse assumpto.

O sr. Consiglieri Pedroso falou no mesmo sentido.

Respondeu-lhes o sr. ministro da fazenda que disse que esse acontecimento foi apenas causado por um bando de salteadores que, instigados por um parente do Bonga, roubaram as embarcações.

O sr. Serpa Pinto tambem fallou sobre o assumpto, dando-se por satisfeito com as explicações do sr. ministro.

O sr. Abreu Castello Branco pediu que a commissão dos negocios ecclesiasticos tambem tomasse conhecimento do projecto relativo á permissão das irmandades realisarem os seus actos em algumas egrejas.

O sr. Dantas Baracho referiu-se á revisão das matrizes no concelho de Torres Novas.

O sr. Souza e Silva referiu-se á restricção do praso para em Ponta Delgada se realisar a troca da moeda estrangeira não carimbada.

O sr. Consiglieri Pedroso fallou novamente sobre o conflicto occorrido em Almada e sobre a recusa dos administradores dos bairros de darem informações sobre o recenseamento.

Foi lida na meza a representação dos proprietarios das fabricas de fundição e serralheria, pedindo que não seja approvado o projecto de lei, que isenta de direitos o material para a Nova Companhia do Gaz.

ORDEM DO DIA

Discussão na especialidade do projecto dos cereaes

O sr. Mattoso dos Santos fez varias considerações sobre o projecto.

O sr. Pedro Victor defendeu as propostas approvadas no congresso agricola.

A requerimento do sr. Carrilho foi prorogada a sessão.

Foi approvado um requerimento do sr. Netto julgando discutido o artigo primeiro.

Havia na meza uma proposta do sr. Saldanha contendo as conclusões do congresso agricola. O sr. Dantas Baracho requereu votação nominal sobre esta proposta.

Procedendo-se á votação foi a proposta regeitada por 52 votos contra vinte e nove.

Foi approvado o artigo 1.º com a emenda apresentada hontem pelo snr. minisero da fazenda.

O sr. Frederico Laranjo requereu que entrassem em discussão os restantes artigos do projecto.

Entre os srs. Antonio Maria de Carvalho e presidente da camara travou-se vivo dialogo sobre a ordem da inscripção fallando tambem o sr. ministro da fazenda.

O sr. Carvalho desistiu da palavra.

O sr. Consiglieri Pedroso disse associar-se á proposta do sr. Fuschini apresentada hontem, e explicou a razão da sua adhesão.

Respondeu-lhe o sr. ministro da fazenda dizendo que a theoria do congresso agricola seria a ruina dos lavradores.

O sr. João Arroio apresentou uma proposta para que os vinhos do Porto paguem 3$200 reis por cada 100 kilogrammas.

O sr. Mattoso dos Santos, relator, disse que aceeitava a proposta comtanto que os vinhos fossem engarrafados, e tambem acceitou a proposta do sr. Serpa Pinto, isentando de direitos os moinhos d'agua, por 100 annos.

Foi julgada a materia discutida sendo approvado o projecto.

A sessão terminou ás 7 e meia.

SECÇÃO LITTERARIA

A IRMÃ DA CARIDADE

I

Deus tem sobre a terra mensageiros da sua Providencia.

Estes mensageiros são creaturas sublimes que o mundo admira, respeita e bemdiz; creaturas que formam a transição do reino da materia á patria feliz dos espiritos.

Quereis saber a origem e prosapia d'essas venturosas creaturas?

São filhas do ceu.

E mães dos desvalidos.

E irmãs da caridade.

Vivem em todos os paizes onde ha lagrimas para enxugar e males para compartilhar.

E as lagrimas são orvalho que fecunda toda a terra; e os males são herança de que participa toda a humanidade.

Por isso o sancto habito d'esses anjos do amor fluctua tanto nas regiões do polo como nas abrazadas planuras do Equador: no campo de batalha é a gloriosa insignia da misericordia; nas povoações é o emblema da ternura e beneficencia.

Teem succedido no globo horrorosos cataclysmos: teem-se fundido imperios, entre cujas ruinas pereceram instituições venerandas. Ha um seculo que o sopro da revolução tem como envenenada a athmosphera, em que se agita a sociedade.

Porém sobre as ruinas que amontoaram os cataclysmos, sobre a torrente transbordada das revoluções, tem prevalecido incolume essa raça de heroinas, magnifico monumento do catholicismo, prodigio perenne da caridade.

Só á caridade christã era possivel obrar taes prodigios.

A philantropia que encarecem os philosophos ama no homem o homem: a caridade e portanto as suas irmãs, amam no homem a Jesus Christo, e na figura do mendigo, do orphão, e do enfermo vêem com os olhos da virtude a sacro-sancta figura do Salvador.

A philantropia costuma dar o que sobeja: a caridade costuma dar o que não tem; a caridade parece que renova diariamente o milagre dos pães e dos peixes.

A philantropia compadece-se das desgraças que vê ou ouve; os olhos e os ouvidos são os seus mensageiros; a caridade compadece-se das desgraças sem vêl-as nem ouvil-as; sente-as no fundo do coração.

A philantropia remedeia os males a esmola as afflicções que lhe sahem ao encontro; a caridade busca os males para remedial-os e as afflicções para esmolal-as.

A philantropia costuma habitar os grandes palacios; a caridade vive nos hospitaes e asylos; ahi vivem tambem suas *Irmãs*.

Ahi, junto ao leito do moribundo, ou ao berço do recemnascido, esboça-se a figura d'uma mulher cuja existencia é consagrada ao bem de seus semelhantes.

Seu rosto pacifico e sereno, como seu coração, mostra as rugas da insomnia e da austeridade.

Quando nas horas lentas do padecer ha apenas para o misero mortal um raio d'esperança, apparece a seus olhos a heroica irmã da caridade, de cujos labios brotam palavras de resignação e consolo.

Quando a mão d'uma mãe-monstro deixa cahir sobre o berço da publica caridade o fructo das suas entranhas a mão d'outra mãe terna o recolhe e acaricia, cuida de lhe assistir, e ensina-lhe mais tarde a perdoar, a crêr e a ser feliz.

II

A caridade não tem patria,
Tambem a não teem suas *Irmãs*.

A caridade salva as distancias e atravessa os mares, se em remotas terras ou ao outro lado dos mares ha lagrimas para enxugar e penas para compartir.

Suas irmãs salvam assim mesmo as distancias e cruzam o Oceano em busca dos pobres e dos afflictos.

Onde quer que o sol deixa sentir a sua influencia; onde quer que a respiram seres racionaes, ahi se chora; ahi está a caridade; ahi vivem suas Irmãs.

Prodigios de ternura e sancto amor, a sua passagem sobre a terra assemelha-se á de um astro, que illumina sem queimar, á de uma aragem que purifica sem destruir, á de um arroio que fecunda sem innundar.

Não ha na terra premio para seus beneficios nem corôa para seu heroismo.

O seu premio e a sua corôa estão mais altos.

Só no coração d'uma mulher póde esconder-se tal thesouro de caridade e sentimento.

Ella, que está organisada para compadecer-se e sentir, é a unica que póde menosprezar as grandezas e os applausos, os triumphos da formosura, e os afagos da opulencia, para occultar-se no fundo sombrio d'um hospital, como perola de valor impreciavel no fundo d'uma concha.

Ella, que nasceu para amar e amar com pureza por mais que o homem encha de traições seu caminho; ella, que quando esposa e quando mãe dulcifica as horas da vida no lar tranquillo da familia, quando mãe e irmã de todos os que padecem dulcifica e attenua os infortunios no recinto da grande familia, no seio da sociedade.

Se a ideia de mãe de familia faz inconcebivel e absurdo o atheismo, a ideia de irmã da caridade faz absurdo e inconcebivel o scepticismo.

Toda a arrogancia dos *espiritos fortes* confunde-se ante o pobre burel d'uma mulher, que se sacrifica heroicamente a bem da humanidade.

Os guerreiros e os conquistadores causam o pranto e povoam os hospitaes, e uma mulher piedoss enxuga o pranto e cura as feridas.

Esses guerreiros teem mais força: essa mulher tem mais coração.

Os que ennegrecem por systema ao sexo que chamam debil; os que zombam ridiculamente de todas as mulheres, devolvendo talvez a todas a offensa que uma lhes fez, lembrem-se de sua propria mãe: e se não tiverem a ventura de conhecel-a, lembrem-se d'essas creaturas sublimes que são mães de todos os desgraçados e irmãs da caridade.

Quando em época mui recente a guerra ensanguentava os mares e as campinas, já dissemos, a santa roupagem d'essas mulheres ondeava em toda a parte como a bandeira do bem, como o estandarte sancto da ternura e caridade christã.

Nos dias de contagio e conflicto, essas mulheres infatigaveis multiplicam-se,e apparecem como anjos de consolação no meio da humanidade afflicta e desolada.

Por isso as bemdiz a humanidade.

A humanidade escreverá na sua historia com caracteres de luz o nome venerando de S- Vicente de Paulo.

D. Severo Catalina.

A MÃE DE LEITE

(Ao dr. Joaquim Cambezes)

Appareceu um dia na herdade aquella rapariga.

Tinha nas faces a lividez da miseria e nos andrajos a *dedada* caracteristica d'uma vida fatalmente nomade. Formavam, mais, a caravana o pae, um velho cujo olhar cançado ainda sabia chorar, e um irmãosinho de tres annos, que mal sabia pedir.

Interessou-me a franzina creatura, cujo olhar despedia dulcissima claridade; olhar que, n'aquelle conjuncto de fome e de pobreza, parecia querer perdoar a miseria em que viviam.

Ia breve escurecer. O sol, prestes a sumir-se no leito alaranjado das nuvens do poente, coroava ainda de luz o cimo das montanhas. E n'aquella frescura de tintas que contornava n'uma dôce indecisão o aspecto das figuras, a paisagem sorria na gamma de tons alegres em que os campos verdejavam. Serpeando, aqui e além, a fita das estradas; e ao longe, áquem logo da cordilheira que cerra o horisonte, branquejavam na massa enorme e escura do olival as paredes dos casaes.

Sendo tarde já, pediram licença para passar ali a noite, seguindo o seu caminho só de madrugada.

— Como é de verão, mesmo debaixo d'aquelle alpendre, meu senhor.

E obtida a licença:

— Seja por caridade; disseram pae e filha n'uma voz expressiva de grande reconhecimento.

E com a mesma alegria que póde ter um rico viajante, encontrando disponiveis os melhores aposentos do melhor hotel, começaram tratando ambos de arrumar a sua bagagem: muito pouco, na verdade: uma canastra velha com bugigangas de *folha*, que iam vendendo pelos *montes;* uns alforges, em mosaico de remendos; um pedaço de manta carinhosamente cedido ao pequenito e um cajado nodoso, que bem dizia com o aspecto doentio do pobre velho.

Porque motivo a rapariga me contou a sua historia? Não sei. A noite vinha caindo e, com ella, as estrellas a polvilhar de luz o firmamento. Foi então que eu, brincando com o pequenito, que ainda mourejava fôra do alpendre, lhes perguntei distraídamente: d'onde eram? Subiram lagrimas mal contidas aos olhos do velhote e a filha, olhando-o confusa, corou subitamente.

Logo arrependido da minha indiscripção—porque tinha sido indiscreto, com certeza—quiz furtar-me áquella scena e deixal-os á vontade; mas elles não consentiram, sem que tudo me dissessem; de fórma que quando, já noite velha, me separei d'aquella gente, deixando o pequeno regaladamente envolto no seu pobre farrapinho, todo entregue ás delicias d'um somno bem profundo, senti que ia soffrer uma noite de vigilia pela vibrante impressão d'este caso singular.

Lembrava-se bem da mãe, a pobre rapariga!

Uma mulher ainda nova, segundo a filha dizia; olhos pretos, airosa e desempenada, labutava todo o dia, Ajudar o marido e rever-se na filhinha, era todo o seu enlevo; mas, sem que faltasse nunca o necessario, a verdade era que estavam longe ainda de viver desafogados.

O marido, muito mais velho, impossibilitára-se, havia muito, de trabalhos excessivos; doente e pouco robusto, mal ganhava alguns vintens. Quando á noite recolhia para casa, com a sua foice ou com a enxada ao hombro, imaginava sempre não chegar ao outro dia; tão moido elle ficava e tão quebrado de fadiga.

— Ajudar o marido e rever-se na filhinha, disse eu; mas a verdade é que não fui bem rigoroso, porque, tendo ella tido, é certo, uma só filha, distribuia egualmente seus carinhos por uma pequenita, de cuja creação se incumbia, para ver se viviam um pouco mais folgados. Ella era robusta; e muito exultou o medico da camara quando ella se offereceu: aceiada, cabello e olhos pretos, bem construida, não era facil encontrar quem melhor satisfizesse.

*

Correram 16 annos.

E o tempo, que tudo transforma, transformou tambem nas côres alegres d'uma mocidade irrequieta aquella rapariguinha esfomeada e roxa que a saudavel camponeza trouxera para o casal, modificando tambem, ainda que de outro modo, a sua irmã collaça pequenina,

Eram formosas as duas raparigas; mas ao passo que Josepha—a do alpendre, lembram-se—era encontrada muita vez, n'uma intima contemplação, desenhando-se-lhe no rosto o claro-escuro de uma doce melancholia, Ricarda, a bella intrusa, era viva e animada. Uma, modesta, concentrada, esquiva; outra, não comprehendendo cinco minutos, que fossem, de tristeza, alegre, risonha e *dando bem nas vistas*. Dir-se-ia que bebera no leite o proprio temperamento da sua mãe adoptiva; era bem ella pelo aspecto e pelas inclinações, a herdeira genuina da sua mocidade.

A Josepha, coitada! chegava a parecer idiota, de timida que era; sempre pensativa, muito mettida comsigo, sempre trabalhando, mas sem dizer palavra, não parecia descender d'aquella mulher tão viva. Tão viva e tão ardente.

— Então não te preparas para ir á romaria?

— Olhe, mãe, vá vocemecê e a Ricarda, que eu fico com o pae; entretemo-nos na horta.

E a mãe, sem grande custo, chegava quasi sempre a decidir-se.

Horta chamavam elles com uma certa liberdade a uns 10 metros quadrados de terreno, quando muito, onde o velho—sim, o velho principalmente—se entretinha nas manhãs de verão, quando bocejavam as estrellas e a luz se esbatia na primeira luz da madrugada, ou ás tardes, quando outra coisa não tinha que fazer.

Atravessavam, por signal, todo aquelle terreno — nem era necessario muito para isso—em curvas caprichosas e quasi a descoberto, as raizes d'uma figueira, que vinham até á fonse, procurando a terra fresca. Tel-a-ia arrancado, com certeza, não intervindo a mulher; mas como fazel-o, desgostando a companheira, se via n'ella as meninas dos seus olhos?

Tinha já a este tempo nascido o pequenito, Quando a mãe, algumas vezes, se impossibilitava de sair e a Josepha, segundo o costume, allegava trabalhos que fazer—*umas voltinhas a dar*, conforme ella dizia.—o pae, para satisfazer lá ia com a Ricarda a uma ou outra *fogueira* na noite de S. João ou de S. Pedro, ou a qualquer brincadeira semelhante. E, apenas elle chegava, era logo um borborinho tal de pretendentes a buscal-a para par, que mais d'uma rapariga abandonou o *conversado*, sangrando de ciume.

E a Ricarda, muito espaventosa, feliz d'aquella côrte que ia recebendo. risonha e desembaraçada, incansavel na dança como no despique, bem se importava de curar as feridas que fazia! nem que tivesse culpa! Era ella, porventura, quem os ia procurar?

Por isso, deitando á larga o coração, e sem querer ver todo o mal que produzia, continuava a divertir-se, cantando nos despiques ou dançando no terreiro.

Mas succedeu, um bello dia, vir aboletar-se n'aquelles arredores um destacamento, uma força de alferes, em laconismo militar. E o commandante, ao que parece, era um bom *opportunista; gyrava* com a firma Marte & Cupido, tão auspiciosa e conhecida.

Lettras que sacasse eram logo satisfeitas.....

.....

.....

E mais se encontrou a pobre Josepha na sua chronica tristeza, e o pae envelheceu cem annos em cem dias. A unica pessoa que persistia animada, distribuindo até palavras de coragem, era a dona da casa. O brilho dos seus olhos nem sequer esmoreceu; pareciam mesmo despedir, por vezes, uma ou outra chamma mysteriosa e magnetica...

Passados que foram poucos mezes, soube-se que o alferes tinha havido por bem terminar o seu... capricho, e que a pobre Ricarda—já não era, não, a rainha das *fogueiras*—posta no declive, resvalára até ao fim...

E então a mãe, crendo que do perdão e da bondade poderia, talvez, surgir o esquecimento—esquecimento que apagaria no futuro a vibração do passado — lembrou-se de ir ainda procural-a.

Nasciam-lhe na mente mil projectos de amor e de carinho, porque, tanto como o desgosto pela infelicidade da *filha*, torturava-lhe o coração a ausencia da *companheira*, cuja indole expansiva e quente reflectia mocidade na sua vida outomnal.

Foi.

Recordam-se da Dulce?

«Por minha mãe, que a fome allucinava...
«Lançada fui no abysmo; então amava...
«Hoje sou Dulce, a lama que se vende...

Disseram-me pae e filha, chorando e a soluçar, ter havido o caso inverso!

A mãe, a bella mulher, a tal dos olhos negros,—foi-se e... não voltou.

*

Tornou-se-lhes impossivel residirem n'aquella casa d'uma saudade tão viva.

Abandonado o casal, começaram elles então o seu mister de peregrinos. E esmolando a caridade e vivendo muito mal, pensam morrer a cada instante n'uma vida de miseria; e só convergem seus cuidados no innocente pequenito, cuja vista indecisa e vaga parece buscar alguem...

Nunca mais soube noticias d'aquella gente infeliz.

Beja. *Gomes Palma.*

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 21

Annuncio de estar aberto concurso pelo praso de 30 dias, para o provimento das parochias do Beiral de Lima, no concelho de Ponte do Lima; Castello Branco, no de Mogadouro; Castello de Viegas, no de Coimbra; Duas Igrejas, no de Miranda do Douro; Dume, no de Braga; Freiria, no de Villa Verde; Sagiosa, no de Sabugal; Nogueira do Cravo, no de Oliveira de Azemeis; Penajoia, no de Lamego; Pombal de Riba d'Ul, no de Oliveira d'Azemeis; Sediellos, no de Pezo da Regoa; e Villa Boa, no de Sabugal.

Varios despachos judiciaes.

28

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Mas assim que se reconheceram mutuamente, e que viram quaes eram os seus adversarios, mais de vinte se retiraram voluntariamente, não querendo expôr-se á vergonha d'um seguro desbarate; pois que então a destreza de cada bom atirador era tão conhecida a muitas milhas em circuito, como as qualidades d'um cavallo ensinado em New-Market o são hoje para os que frequentam este logar célebre.

O numero dos competidores foi por fim reduzido a oito. O principe João desceu do throno para examinar de mais perto estes celebres archeiros escolhidos, muitos dos quaes traziam a libré real. Depois de ter assim satisfeito a sua curiosidade, correu com os olhos o circo para procurar o objecto do seu resentimento, e viu-o em pé no mesmo lugar que na vespera, e com o mesmo ar de socego e sangue frio.

— Bem me parecia que a tua destreza não correspondia á tua insolencia, lhe disse o principe, não ousas agora medir-te com taes concorrentes?

— Perdoai-me, senhor, disse o yeomen, tenho uma razão, bem differente da do temor de ser vencido, para me pôr de lado.

— E qual é essa razão? perguntou o principe, que, sem saber porquê, tinha summo desejo de conhecer a fundamento quem fosse aquelle archeiro.

— E' porque estes archeiros, respondeu elle, e eu não estamos talvez acostumados a atirar ao mesmo ponto; e depois temo que vossa graça não goste de ver ganhar o premio por um terceiro que, sem o querer, teve a desgraça de incorrer no seu desprazer.

— Yeoman, como te chamas? perguntou o principe córando.

— Locksley, respondeu elle.

— Muito bem, Locksley, apontarás quando estes archeiros tiverem mostrado a sua destreza. Se ganhares o premio terás por cima d'isto vinte nôbres (1); mas se o perderes farte-hei despir esse fraque verde que trazes, e expulsar-te fóra do circo como um máo atirador, e tal será o castigo de tua jactancia e insolencia.

— E se eu recusar de acceitar o desafio com taes condições, replicou o yeoman, vossa graça, apoiado como está por tantos homens d'armas, póde batter-me, despojar-me dos meus vestidos, mas todo o seu poder não poderá obrigar-me a estender a corda do meu arco se isso não fôr muito do meu bom agrado.

— Se recusas a offerta que te faço, tornou-lhe o principe, o preboste quebrar-te-ha immediatamente o teu arco e as tuas flechas, e te lançará fóra da arena como um covarde.

— Não é offerecer-me uma vantagem igual, grão principe, o obrigar-me a medir contra os melhores archeiros dos condados de Stafford e de Leicester, com o risco de experimentar os mais indignos tratamentos, se acaso fôr vencido. Comtudo obedecerei a vossa graça.

— Guardas, não o percais de vista, disse o principe; vejo que lhe falta o animo; mas não quero que possa evitar a prova, a que exponho a sua destreza. E vós, meus amigos, coragem, sustentai a vossa reputação. Dei ordem para que vos servissem na tenda visinha um cabrito, e um bom quarto de vinho, assim que for ganho o premio.

Pôz-se um escudo no fim da alameda que se continuava com a estacada pela parte que respeitava ao sul.

Collocaram-se os archeiros na extremidade da sobredita alameda, que tal era a distancia em que deviam atirar, determinou-se igualmente a ordem que n'isso deviam seguir, e déram a cada um tres flechas. A ordem do jogo foi regulada por um official d'uma ordem inferior, chamado o preboste dos jogos; visto que os marechaes do torneio julgariam derrogar a sua dignidade se presidissem a similhantes jogos.

Os archeiros, avançando um perto do outro, lançaram as suas flechas com tanto vigor como destreza. Das vinte e quatro flechas, que foram atiradas successivamente, só duas acertaram no alvo, e as outras passaram tão perto que, visto a grande distancia, todos os atiradores tinham igual direito aos elogios dos espectadores. Mas o que mais se tinha distinguido foi Hubert, couteiro de sir de Malvoisin: duas das suas flexas tinham-se encravado no circulo traçado no meio do escudo, e foi proclamado vencedor.

— Então, Locksley, disse o principe ao archeiro com um riso contrafeito. Atreves-te a competir com Hubert, ou confessas-te vencido, entregando o teu arco, as tuas flechas e o teu boldrié ao prevoste do jogo?

— Visto que não tenho outro regresso disse Lockley, consinto em tentar a fortuna, com a condição que, quando eu tiver atirado duas flechas ao alvo, que me indicar Hubert, elle tambem ao depois ha de atirar duas ao alvo que eu lhe proposer.

— Nada mais justo, replicou o principe, concedo-te o que pedes. Hubert, se acaso ganhares a este fanfarrão, hei de encher de moedas de prata a trompa de caça destinada ao vencedor.

— Em fazendo quanto posso, não sou obrigado a mais, respondeu Hubert; mas meu bis-avô trazia um famoso arco na batalha d'Hastings, e espero não me mostrar indigno d'elle.

Trocou-se o escudo que servia d'alvo, pôz-se outro da mesma grandeza, e Hubert, que, como vencedor no primeiro ensaio, tinha direito d'atirar primeiro endireitou a vista no alvo, medindo a distancia, que podia haver, tendo na mão o arco recurvado e a flecha já na empolgadeira. Por fim deu um passo para diante, levantou o arco até que a meta ficasse quasi de nivel com testa, puxou para traz com força a corda. Parte a setta zunindo pelos ares; e vai encravar-se no circulo interior, traçado no meio do escudo, mas não exactamente no meio.

Era preciso ter conta com o vento, disse Locksley a seu antagonista; se n'isso attentáras, darias certamente no *meio do preto*.

Dizendo estas palavras, frechou o arco, e sem se cançar muito em pôr o ponto, disparou o tiro com tão pouca attenção, segundo parecia, que dir-se-hia não tinha nem se quer encarado no alvo. Fallava ainda no momento em que a flecha partiu, e comtudo encravou-a duas pollegadas mais perto do centro do que a de Hubert.

— Pelo sol que nos alumia! exclamou o principe João olhando para Hubert, deixares-te vencer por um homem d'estes mereces passar o restante de teus dias nas galés.

Hubert tinha uma phrasse de predilecção que applicava a tudo.

— Quando mesmo vossa alteza me devêra mandar enforcar, respondeu elle, quem faz o que póde não é obrigado a mais. Comtudo meu bis-avô trazia um arco...

— Amaldiçoado seja o teu bis-avô, e toda a sua geração! exclamou o principe interrompendo-o, dispara o arco, miseravel, e faze por apontar melhor, senão, pobre de ti!

Cedendo a exhortações tão vivas, Hubert tornou a tomar o seu logar, e, não esquecendo o aviso que lhe tinha dado o seu adversario, calculou o effeito que poderia produzir sobre a sua flecha o vento ligeiro que acabava de se levantar, e lançou-a com tanta destreza que foi pregar-se exactamente no meio do alvo.

— Viva Hubert! viva Hubert! exclamou o povo, tomando maior interesse pelo archeiro do paiz do que pelo desconhecido, viva Hubert para sempre!

— Tu não poderias acertar melhor, Locksley, disse o principe com um sorriso insultante.

— Não: mas verei se posso fazer mais um entalho na flecha de meu adversario, replicou Locksley; e, apontando com mais algum cuidado do que fizéra a primeira vez, deixou partir a flecha, que foi dar justamente no meio da de Hubert, por tal maneira que a *partiu em duas metades. Foi tal* o effeito que esta maravilhosa destreza produziu nos espectadores, que não poderam testemunhar a sua admiração com as suas acclamações ordinarias.

—Não é um homem, diziam entre si os archeiros, é um diabo; o que elle faz tem o quer que é de prodigioso: jámais se viu tal destreza desde que um arco foi frechado pela primeira vez em Inglaterra.

—Agora, disse Locksley, peço a vossa graça licença para plantar um alvo tal como se usa no norte; e honra ao bravo yeoman que me quizer disputar o premio para alcançar um sorriso da moça de quem mais gostar.

Deu alguns passos para se affastar!

—Fazei-me acompanhar pelos vossos guardas, se o desejaes, disse elle ao principe, vou só cortar uma vara no primeiro salgueiro que encontrar.

O principe João fez signal a alguns homens d'armas de o acompanharem, com medo que elle não tratasse de se evadir; mas o povo testemunhou com os seus gritos tanta indignação, que o principe retirou a ordem que tinha dado.

Locksley voltou quasi no mesmo momento, tendo na mão uma vara de salgueiro de seis pés de comprimento, pouco mais ou menos, perfeitamente direita, e tendo pouco mais d'uma pollegada de grossura. Pôz-se a descacalal-a com todo o seu vagar, dizendo ao mesmo tempo que propôr por alvo a um bom atirador um escudo tão largo, como aquelle de que até então se tinham servido, era fazer injuria á sua destreza. Na minha terra, dizia elle, se tal acontecesse diriam que seria melhor pôr por alvo a mesa do rei Arthur onde cabiam sessenta cavalleiros. Mas, accrescentou elle, caminhando com um ar decedido para a extremidade da alameda, e fincando no chão a vara de salgueiro: «O que acertar n'este alvo a trinta passos de distancia, proclamo-o por bom archeiro, digno de trazer um arco e uma aljava diante d'um rei, mesmo diante do grande Ricardo.

— O meu bis-avô, tornou-lhe Hubert, atirou na batalha d'Hastings uma flecha que lhe fez grande honra: mas nunca se atreveu a tomar um tal alvo, nem eu tão pouco. Se este archeiro der na vara, dou-me por vencido; pois é preciso que elle tenha o diabo na pelle. Demais d'isso um homem em fazendo o que póde não é obrigado a mais, e eu não me metto a atirar tendo a certeza de errar o alvo.

— Oh! que covarde! exclamou o principe. E tu, Locksley, lança a tua flecha: se acaso ella tocar na vara, convirei que és o melhor archeiro que jámais vi; mas, antes de te dar este titulo, quero provas irrecusaveis da tua destreza.

— Farei o melhor que poder, como diz Hubert, respondeu Locksley, ninguem póde fazer mais.

Dizendo estas palavras, curvou de novo o arco, mas d'esta feita examinou-o com muito mais cuidado, e mudou a corda, que tendo servido muitas vezes, já não era perfeitamente redonda. Endireitou então a vista no alvo, mediu com os olhos a distancia, em quanto os espectadores, respirando apenas, acompanhavam com os olhos os seus menores movimentos, e justificou a alta opinião que elles tinham concebido da sua destreza. A flecha partiu a vara de salgueiro como fizera á flecha de Hubert. Retumbou o ar com os vivas, e o proprio principe João pareceu deslembrar-se das suas injustas prevenções para admirar a destreza de Locksley.

— Estes vinte nobres, assim como a trompa de caça pertencem-te, lhe disse elle, mereces-tê-los. Contar-te-hão mesmo cincoenta immediatamente, se quizeres entrar no nosso serviço como archeiro da nossa guarda; pois que nunca braço mais robusto curvou um arco, e nunca um golpe de vista mais justo dirijiu uma flecha.

— Escusai-me, grande principe, diz Loksley; mas jurei que, se jámais tomasse serviço, seria ao pé de vosso irmão, do rei Ricardo. Estes vinte nobres restituiu-os a Hubert, que não se destinguiu menos hoje do que o seu bis-avô na batalha d'Hastings. Se a sua modestia lhe não tivesse feito recusar o desafio, estou certo que teria dado no alvo tão bem como eu.

Humbert recebeu com uma especie de repugnancia o presente do estrangeiro; e Locksley, querendo evitar de chamar sobre si a attenção dos que ali eram presentes, metteu-se por entre a gente, e desappareceu.

Talvez elle se não escapasse tão facilmente da vista do principe, se este não tivera então mais serias reflexões a fazer e assumptos de mais alta importancia a meditar. João chamou o seu camarista, que dava aos espectadores o signal da partida; ordenou-lhe que partisse immediatamente para Ashby, e que procurasse por toda a parte o judeu Isaac.

—Dize ao cão d'esse judeu, que me mande dous mil escudos antes do pôr do sol. Elle bem sabe quaes são as garantias que eu lhe offereço; mas entretanto dá-lhe este annel em penhor. É mister que o resto da quantia que elle se obrigou a emprestar-me me seja dada em York dentro d'estes seis dias: se o infiel falta a isto faço-lhe cortar a cabeça. Encontrál-o-has talvez no caminho, pois que este escravo circumcisado, assistia ao torneio, e é provavel que ainda não esteja muito longe.

Tendo assim fallado, João tornou a montar a cavallo, e, seguido d'um grande numero de cavalleiros, tomou a estrada d'Ashby. Todo o povo se dispersou logo que o principe partiu.

(Continúa.)

(1) Moeda antiga d'ouro.

CORREIO DE LISBOA

26 DE JUNHO DE 1888.

Previa-se. A camara dos pares não devia encerrar-se sem dar de si documento *honroso*. Alli como na camara electiva a sepia devia mostrar que as ideias do grupo são identicas em toda a parte—na rua como nas duas casas do parlamento. Devia fazel-o e fel-o. Na sessão de hontem o sr. Barbosa du Bocage n'um discurso a proposito da questão de Zanzibar e do tratado com a China, pronunciou palavras por tal modo offensivas da maioria, que esta não jugou devel-as suportar resignadamente, e protestou contra ellas. Seguiu-se o *indispensavel* tumulto e a sessão interrompeu-se por meia hora, recomeçando depois o sr. Bocage mas n'um tom conveniente e proprio do logar. Oxalá que a correcção lhe aproveite e que aquella casa não se arroie mais, porque d'isso só lhe virá descredito.

Foi ainda o sr. José Dias Ferreira quem presentou no parlamento a representação que d'ahi lhe trouxe o sr. Arriaga, contra as irmãs hospitaleiras, assignada pela meza do comicio patusco de domingo.

Mas perguntava elle com muita graça, aos corredores da camara, para os deputados do districto:—«Os srs. não fazem favor de me dizer quem são estes sujeitos, que eu, apesar de ser deputado por Aveiro ha mais de 20 annos, nunca vi nem conheci? Oude estão os meus velhos amigos Fortuna, Sebastião, José Antunes, Gustavo, e outros? A quem é que eu estou prestando agora este serviço de portadores de representações? Se é aos meus amigos, porque é que se me não dirigem? Se é aos republicanos, porque é que se dirigem a mim, e não ao Elias Garcia ou ao Consiglieri Pedroso? Se uns e outros estão ligados, que posição occupo eu no meio d'elles?» E desatava a rir da ingenuidade d'essa gente, que lhe mandava fallar contra as irmãs da caridade—a elle, que mandou educar os filhos no collegio de Campolide! Tem graça!

Mas não paravam aqui as interrogações: «Porque é que não fallou o menino Jayme, que me quiz empalmar uma vez a eleição? Porque é que não presidiu o Figueiredo, que anda atraz de mim para eu o fazer governador civil... em Eixo? Porque é que emprestou o armazem o Antonio Pereira, que *se deu sempre tão bem* com a cunhada que teve no convento de Jesus? Onde estão os secretarios do centro regenerador constituido para *meu bem*, como elles logo me disseram? Declaro que não percebo nada de similhante geringonça.»

Pois eu, que ouvi as respostas, percebi tudo muito bem.

Por seu lado, perguntava o Elias Garcia: «Então como é que o Magalhães Lima foi a Aveiro, e a pedido de quem? Dos republicanos? Só se foi para assignar a citação da demanda por dividas que lhe movem os correligionarios de lá, evitando assim as custas da deprecada. Dos regeneradores? Então vendeu-se elle aos nossos adversarios, porque nenhuma deliberação do directorio auctorisou essa ligação. Dos parentes? Então como é que o pae fugiu para Vizella para o não hospedar em sua casa, como já fez da outra vez? Então porque é que nem o irmão, nem o tio o foram ouvir? Certo, que não percebo!»

Alguem, do lado, lhe explicou: «Quem convocou o comicio foi um republicano concunhado do sr. Dias Ferreira, mas quem convidou o Magalhães Lima foram os regeneradores. E elle foi para ver se fazia ao mesmo tempo transacção judicial com os seus socios na propriedade do jornal que o insulta, e reconciliação familiar com o pae que lhe quer tirar a terça da herança. Ora aqui está como um discurso mata dois coelhos.» Eu creio, porém, que ambos os coelhos ficaram vivos.

—O sr. Barbosa de Magalhães apresentou na sessão de hontem representações de differentes camaras d'esse districto pedindo a construcção do caminho de ferro do Valle do Vouga, e encarecendo devidamente a importancia d'esta via pediu que o respectivo projecto seja votado n'esta sessão.

—Espera-se que o projecto de remissão por 50$000 réis para os comscriptos de 1887 passe na sessão d'amanhã.

—Foi votada a lei dos cereaes.

—Já foi ordem pelo ministerio das obras publicas para o sr. inspector do 2.° circulo hydraulico mandar proceder ao levantamento dos ferros, ancoras ou peguilhos que tolhem o serviço da pesca em frente das costas da Torreira e S. Jacintho; e prompto como é aquelle cavalheiro em satisfazer a todas as requisições do serviço publico, é de crer que dentro de poucos dias aquelle obstaculo para a industria da pesca esteja completamente extincto.

—O subsidio do governo ao azylo escola d'esse districto será talvez de 300$000 réis annuaes, e essa concessão não se fará esperar.

—O pessoal militar para as inspecções d'esse districto compõe-se do seguinte modo.

Junta de 1.ª inspecção:—Presidente o tenente-coronel do estado-maior de infanteria sr. Alfredo Jorge Oom; cirurgião-mór do forte da Graça sr. Agostinho Antonio de Mattos Leitão; cirurgião ajudante em disponibilidade sr. Joaquim A. d'Almeida Ferreira.

Junta de 2.ª inspecção, 2.ª divisão:—Cirurgião de divisão sr. Miguel Antonio da Conceição Dantas; cirurgião de brigada sr. José Antonio de Mello Vieira.

— Logo que passe o projecto dos cereaes na camara dos pares, estabelecer-se-ha em Lisboa uma bolsa official de cereaes, a fim de se regular o commercio d'este genero e se publicarem as cotações officiaes do trigo. Logo que os moageiros deixem que o preço do trigo ribeiro seja inferior a 580 réis e o do rijo a 550, o governo baixará os direitos sobre as farinhas. Por este modo ficam os lavradores defendidos contra a falsa tactica dos moageiros sem que o pão encareça.

— A corveta *Bartholomeu Dias* está-se apromptando para levar á Italia Sua Magestade a Rainha, que deseja assistir ao casamento de seu irmão o duque d'Aosta.

— Seguiu para Paris o sr. conselheiro Lopo Vaz. Enfadou-o talvez o estado do parlamento.

— Foram concedidas as seguintes licenças:—Ao juiz da comarca de S. João da Pesqueira, por 30 dias: ao delegado da comarca de Amares, 30 dias; ao conservador da comarca de Amarante, 60 dias; e ao conservador da comarca de Penella, 60 dias.

— Foi approvado o sr. Antonio Augusto Ferreira Sarmento, para substituir o juiz da comarca de S. João da Pesqueira.

— Foi indeferido o requerimento que sobre loterias fizeram ao governo, os cambistas do Porto srs. Antonio Francisco de Castro, José Barbosa da Cunha e Antonio Nunes Borges.

— A' missa resada hontem na egreja allemã por alma do imperador Frederico, assistiram sua alteza o duque de Bragança, os srs. infantes, todo o ministerio, excepto o sr. ministro da justiça, a colonia allemã, corpo diplomatico, etc.

— Chegou hontem de Abrantes, Custodio Fontainhas, assassino do cartaeiro do caes de Sodré, Diogo Fernandes, para cuja captura a policia empregou numerosas e improficuas diligencias. Parece que esta prisão foi effectuada por se lembrar o commissario de policia de expedir circulares aos regedores de varios concelhos dando os signaes do assassino. O processo policial do assassino começa na proxima quinta-feira, para ser levado ao tribunal. Em Abrantes o assassino tinha arranjado trabalho como carpinteiro, sua antiga profissão.

— Parece que suas magestades teem desejo de assistir á coroação do imperador Guilherme. Se forem, consta que partirão em meado de agosto a bordo d'um navio de guerra.

— Deve hoje ser assignada a escriptura da parceria da mala real portugueza, com o capital de 900:000$ rs.

— Consta que a percentagem e addicionaes para as obras publicas e agricolas de todos os districtos do continente será de 8,07.

— Sua magestade el-rei tenciona assistir ás exequias de Alexandre Herculano. A entrada no templo dos Jeronymos é por convites individuaes. A Sociedade de Geographia forneceu uma bandeira nacional para cobrir o feretro do grande historiador. A Associação dos empregados do commercio e industria nomeou uma grande deputação para assistir a todos os actos funebres.

— Nas salas da redacção do *Commercio de Portugal* vae abrir-se uma exposição de objectos chinezes.

— A corveta *Rainha de Portugal* sae no dia 1 de julho, para viagem de instrucção dos aspirantes de marinha.

— Aggravaram-se os padecimentos do actor Antonio Pedro e do sr. Luiz Guimarães.

— Consta que a Companhia dos caminhos de ferro do Norte põe em vigor uma tarifa vantajosa para transporte de generos alimenticios frescos, e outros, de accordo com a Sociedade dos caminhos de ferro de Madrid, facilitando a expedição de peixes frescos pela fronteira terrestre.

— O presidente da junta de melhoramentos agricolas da 7.ª região offerece hoje um jantar, no hotel Bragança, ao sr. ministro das obras publicas; foram distribuidos 30 convites.

— Enterrou-se hoje no cemiterio oriental o cadaver do sr. Manuel Roxo Pinto de Magalhães, fallecido a bordo do vapor inglez *Brunswick*, vindo do Maranhão. O finado era parente do administrador do circulo aduaneiro do sul, conselheiro Pinto de Magalhães.

— A Santa casa da Mizericordia de Valença nomeou seu irmão benemerito o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

— Está melhor o sr. Henriques de Macedo, esperando-se que dentro de poucos dias possa ir á secretaria da marinha.

— Foi concedido ao sr. bispo de Portalegre o titulo de arcebispo-bispo e isto porque foi arcebispo de Methylene e governador do patriarchado.

— Falleceu aqui o sr. Antonio Maria Augusto de Vasconcellos, vigario-pro-capitular da diocese de S. Thomé e Principe.

— A imperatriz viuva da Allemanha pagou generosamente os serviços medicos prestados pelo dr. Mackenzie a seu defunto marido, que recebeu por elles a *insignificancia* de 100:000$000.

— Os fundos portuguezes em Londres estavam hontem a 64 e 64 1/4.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

DIRECÇÃO
DAS
OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO
ESTRADA DISTRICTAL N.° 37 DE LAMEGO A ENTRE-OS-RIOS
RAMAL ENTRE A PONTE DE CAMINHAS E AS PROXIMIDADES DE VARZIELLA DE CIMA (FIM DO LANÇO)
ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 8 do proximo mez de julho, pelas 12 horas do dia, na Administração do Concelho de Castello de Paiva e perante o respectivo Administrador serão recebidas propostas distinctas em carta fechada para as seguintes empreitadas parciaes:

N.° 1—Terraplenagens entre os perfis 0 a 99 na entensão de 1:323^{m},0
BASE DE LICITAÇÃO 2:941$000

N.° 2—Idem entre perfis 99 até ao fim, na extensão de 1:946^{m},0
BASE DE LICITAÇÃO 3:288$000 REIS

N.° 3—Muros de supporte, com 2:903$^{m.c.}$,0 d'alvenaria de pedra secca; 310$^{m.c.}$,0 de alvenaria ordinaria e 440$^{m.c.}$,0 d'abertura de cavoucos
BASE DE LICITAÇÃO 2:259$000 REIS

N.° 4—Construcção completa do pontão no perfil 46
BASE DE LICITAÇÃO 1:138$000 REIS

N.° 5—Aqueductos de differentes typos, com 279$^{m.c.}$,4 d'alvenaria ordinaria; 36$^{m.c.}$,0 de lagedo e 137$^{m.c.}$,0 d'abertura de cavoucos
BASE DE LICITAÇÃO 497$000 REIS

A carta fechada, que cada concorrente apresentar, deverá conter:

1.° Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação;

2.° Documento de competencia para a execução do trabalho;

3.° Documento de ter feito o deposito provisorio de 2 1/2 por cento da base de licitação;

4.° Proposta do preço, fechada em sobescripto.

As peças do respectivo projecto e as condições especiaes d'estas empreitadas estão patentes na administração do concelho de Castello de Paiva, na secretaria da Direcção e na da 1.ª secção em Aveiro.

Aveiro, 18 de Junho de 1888.

O Engenheiro Director
Casimiro d'A. de Sousa Menezes.

FERRO DE QUEVENNE

É o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO**, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE
das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato, EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA "*Union des Fabricants.*"
Vende-se: 1° em *Pó*; 2° em *Grageas*.

Deposito Geral do Verdadeiro **FERRO de QUEVENNE**
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): **8, Rue du Conservatoire, PARIS.**

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE, INSOMNIA, CRISES NERVOSAS** PELO **XAROPE do Dr FORGET** Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

DIRECÇÃO
DAS
OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO
ESTRADA DISTRICTAL N.° 37 DE LAMEGO A ENTRE-OS-RIOS
LANÇO DA PONTE DE CAMINHAS Á ESTRADA REAL N.° 40
ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 8 do proximo mez de julho pelas 10 horas da manhã, na Administração do Concelho de Castello de Paiva e perante o respectivo Administrador serão recebidas propostas distinctas em carta fechada para as seguintes empreitadas parciaes:

N.° 1—Terraplenagens completas do perfil O a 119, na extensão de 1:168^{m},0
BASE DE LICITAÇÃO 2:490$440 REIS

N.° 2—Idem do perfil 119 até ao fim, na extensão de 2:168^{m},0
BASE DE LICITAÇÃO 3:269$000 REIS

N.° 3—Muros de supporte com 1:056$^{m.c.}$,5 d'alvenaria de pedra secca; 97$^{m.c.}$,5 d'alvenaria ordinaria e 168$^{m.c.}$,0 d'abertura de cavoucos
BASE DE LICITAÇÃO 1:144$000 REIS

N.° 4—Construcção completa d'um pontão no perfil 17
BASE DE LICITAÇÃO 455$000 REIS

N.° 5—Construcção dos aqueductos do lanço, com 152$^{m.c.}$,8 d'alvenaria ordinaria, 20$^{m.c.}$,7 de lagedo e 61$^{m.c.}$,0 d'abertura de cavoucos
BASE DE LICITAÇÃO 324$000 REIS

A carta fechada, que cada concorrente aprensentar, deverá conter:

1.° Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação;

2.° Documento de competencia para a execução do trabalho;

3.° Documento de ter feito o deposito provisorio de 2 1/2 por cento da base de licitação;

4.° Proposta do preço, fechada em sobrescripto.

As peças do respectivo projecto e as condições especiaes d'estas empreitadas estão patentes na administração do concelho de Castello de Paiva, na secretaria da Direcção e na da 1.ª secção em Aveiro.

Aveiro, 18 de Junho de 1888.

O Engenheiro Director
Casimiro d'A. de Sousa Menezes.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES
DE
500 RÉIS SEMANAES
A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, **sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.**

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos
Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*
Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes
Em PARIZ, Pharmacia **LEROY**. — Depositos em todas as principaes Phas.

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos **Alimentos** alliado aos **Tonicos** mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

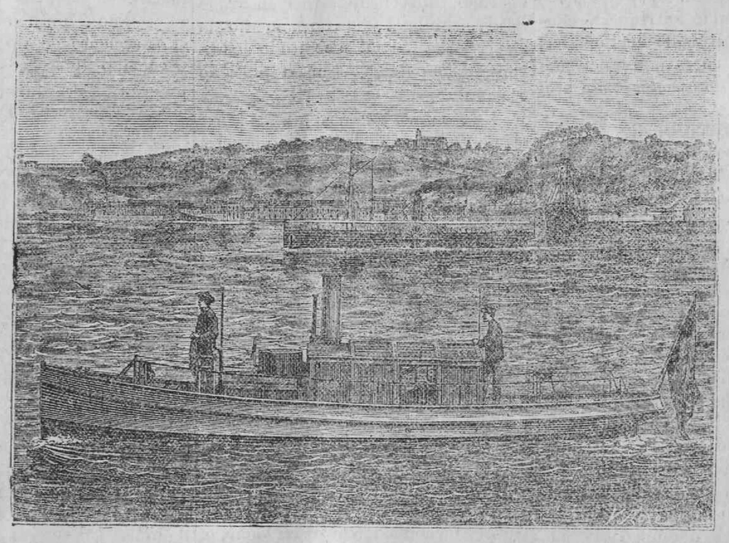
EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da **Carne**, do **Ferro** e da **Quina**, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação difficil*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas e syphiliticas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud**, com effeito, é unico que reune tudo que fortifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e puresa do sangue empobrecido, a *Côr* e a *Energia vital*.

Venda por grosso, em Paris, na Pharm.ª de J. FERRÉ, 102 Rue Richelieu, Successor de AROUD
ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO ESTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

ARREMATAÇÃO

A irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de S. Pedro de Pardilhó, concelho de Estarreja, deliberou arrematar o douramento e pintura de dois altares co-lateraes da egreja da mesma freguezia.

As propostas devem ser em carta fechada e entregues até ao dia 18 do proximo mez de julho. As condições da arrematação já se acham na sacristia da egreja ou casa das sessões da mesma confraria.

Pardilhó, 17 de junho de 1888.

O Secretario
Antonio Joaquim Valente d'Almeida Junior.

ARREMATAÇÃO

NA comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão Nogueira Junior e em virtude de execução hypothecaria que Thomaz José Garcia, da cidade de Lisboa, move contra Manuel da Silva Vida e mulher, do Boco, vão á praça no dia oito do proximo mez de julho, por dez horas da manhã, no Tribunal Judicial d'esta comarca, as propriedades seguintes:

Umas casas, pateo e quintal, no sitio do Boco, que parte do norte com rua publica, do sul com herdeiros de Luiz Gonçalves, nascente com Manuel Dias Mardo e do poente com rua publica, no valor de 170$000 reis.

Uma leira de pinhal e pouzio no Valle do Boco, que parte do norte com matriz d'agua, do sul com a Gandara, do nascente com João José Ferreira e poente com herdeiros de Miguel Freire Fragoso, no valor de 60$000 reis.

Uma leira de pinhal e matto no sitio da Estrada, parte do norte com herdeiros do Nicho, snl com herdeiros de José Freire Simeiro, do nascente com estrada publica e do poente com José Martins Facão, no valor de 25$000 reis.

Uma terra e pouzio com intesta de pinhal no sitio do Boco, que toda ella parte do norte com caminho publico, sul com serventia publica, nascente com herdeiros de Domingos Ferreira e poente com José Moreira Moisés, no valor de 80$000 reis.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos que se julguem com direito ao producto da arrematação.

O Escrivão Substituto
Fernando Ribeiro Nogueira Junior.
Verifiquei—*A. Cortesão.*

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

MOLESTIAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN
Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.
Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.
A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas
EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES
Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de *Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez*.
DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

Curso completo de francez

HENRIQUE da Cunha lecciona francez na sua casa da rua dos Tavares todas as noites desde as 7 ás 9, por preços razoaveis.

Ensina pelos novos methodos a fallar e escrever.

Para os artistas ha tambem leccionação apreços convencionaes.

HOTEL SERRA
LUSO

ESTE Hotel, que se acha montado nas melhores condições, tem magnificos quartos, lindas vistas, jardim e cascata; um cosinheiro de primeira classe e um pessoal excellente; meza com grande abundancia e aceio; criadas decentes para servir senhoras.

Além d'isso tem na estação de Luso um carro á hora de todos os comboios.

Preços commodos.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachi hasé um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

O TESTAMENTO VERMELHO

Ultima producção de Xavier de Montépin, em cinco ou seis volumes, illustrados com 15 chromos-lithographias, aguarelladas por Manuel de Macedo e executadas na lithographia Guedes. Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

10 reis cada folha, 10 reis cada chromo, 20 reis cada capa habilmente colorida. Brindes a todos os srs. assignantes: Um almanach illustrado para 1889 e a capa do 1.° volume colorida.

Lisboa e Porto, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega; provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Pedidos de assignaturas ou requisição de prospectos, em Lisboa, á casa editora David Corazzi, 40, Rua da Atalaya, 52, ao Deposito, Rua dos Retrozeiros, 153—1.° andar e a todas as livrarias.—No Porto, á Filial da casa, Praça de D. Pedro 127, 1.° e ás principaes livrarias.—Na provincia, aos srs. correspondentes.

ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

SEXTA-FEIRA 29 DE JUNHO

Récita pela Troupe Dramatica Aveirense em beneficio da estatua de José Estevão

O drama em 3 actos—**O Veterano da Liberdade**, e a comedia—**Grandes afflicções d'um esposo.**

A's 9 horas da noite.

PREÇOS:—Frizas de frente, 3$000; dttas de lado, 2$500; camarotes de frente, 2$500; ditos de lado, 2$000; ditos de 2.ª ordem, 1$500; cadeiras, 500; superior, 300; geral, 200; galeria numerada, 160; dita sem numero, 100 reis.

O resto dos bilhetes encontra-se á venda na Nova Havaneza, de Cezar Augusto Ferreira, e na Encadernação Aveirense, de Adriano Costa, á rua Direita.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO